

WLADIMIR OLIVIER

# Enfim, a Caminho!

E Mais Cento e Oitenta Sonetos

(POESIA MEDIÚNICA)

315. Aquele que deixou trabalhos de arte ou de literatura conserva pelas suas obras o amor que tinha durante a vida?

— *Segundo sua elevação, julga-as de outra maneira e frequentemente reprova o que mais admirava.*

(Allan Kardec — O Livro dos Espíritos.)

ESPÍRITOS DIVERSOS

Saiba, Irmão, que estes versos  
provieram da Espiritualidade!

## Índice

1. Um bom começo .....
2. Apanhado prevenido .....
3. O meu drama .....
4. Acusado atrás da trova... ..
5. A verdade nua e crua .....
6. Quase por obrigação .....
7. Expressão vs. impressão .....
8. Desperdício .....
9. Rindo de mim mesmo .....
10. Sem repercussão .....
11. Eu, pecador, me confesso .....
12. Em dia sem inspiração .....
13. Envolvendo o médium .....
14. Em águas rasas .....
15. No meio do caminho .....
16. Por falar em mim... ..
17. Ouça quem tem ouvidos .....
18. Uma mão lava a outra .....
19. Cedou ou tarde, a verdade .....
20. Palavras, só palavras .....
21. Não há como ser simples .....
22. Para falar de versos .....
23. Último alento .....
24. É justo .....
25. Não haja precipitação .....
26. Reflexão oportuna .....
27. Fuja do mal .....
28. Arrastão frustrado .....
29. Procura inconsistente .....
30. Argamassa preciosa .....
31. Instigante perspectiva .....
32. Subtileza sem *b* .....
33. Dos deveres e competências .....
34. Sem ilusão .....
35. Sem enfado, por favor! .....
36. Arrufos .....
37. Contratempos .....
38. Em menos de cinco minutos .....

39. Com suave alegria .....
40. Com suave censura .....
41. Com suave contrição .....
42. Nem sempre vale a intenção .....
43. A intenção é fundamental .....
44. Reconhecendo as intenções .....
45. Versos assim não se improvisam .....
46. Nem estes .....
47. O egoísmo revelado .....
48. A maldição cultural .....
49. A sorte requerida .....
50. Misteriosa trova .....
51. Mistura irrefragável .....
52. Navegando em segurança .....
53. Enfim, a caminho! .....
54. Diferenças notáveis .....
55. Preocupação perene .....
56. Controle e disciplina .....
57. Direto do bolso do colete .....
58. Recordações terrenas .....
59. O disfarce poético .....
60. A revelação poética .....
61. Um dia eu chego lá .....
62. Com alguma bonomia .....
63. Provocativo .....
64. Guarda os teus comentários .....
65. Não julgues pelo resultado .....
66. Não podemos tudo .....
67. Refrigério aparente .....
68. Incólume não saio .....
69. Seguindo o padrão .....
70. Nem forçando .....
71. Um pouco de otimismo .....
72. Da esperança .....
73. Reestruturando o tempo .....
74. Estuda, cara! .....
75. A trave e o cisco .....
76. Mexendo com o intelecto .....
77. Castigando o estilo .....
78. Lição de pachorra .....
79. Sem atropelo .....
80. Eu sofro, tu sofres... ..
81. Sublime decisão .....
82. Resignado tema .....

83. Algum lucro .....
84. Poética promessa .....
85. Em confiança .....
86. Estribilho salvador .....
87. Voltado para o outro .....
88. Muito trabalho para nada .....
89. A solução sem soluços .....
90. Desconsidere os defeitos .....
91. Sem arreliar .....
92. Objetivo especificado .....
93. Prevenindo acidentes .....
94. Cheio de dedos .....
95. Salada espírita .....
96. Ouça quem tem ouvidos .....
97. Não há como fugir .....
98. Na antevéspera do Natal .....
99. Por não temer a morte .....
100. Contrastante visão .....
101. Para confundir .....
102. Solene requisição .....
103. Preciso melhorar .....
104. Eu bem que avisei... ..
105. Feliz ano novo! .....
106. Não podia ser diferente .....
107. Não podia mesmo ser diferente .....
108. O que deveria estar no princípio .....
109. Lamento sem dor .....
110. Com a mente aberta para o bem .....
111. Vamos lá, companheiro! .....
112. Reação perceptível .....
113. Descontente? Por quê? .....
114. Reminiscências úteis .....
115. Bendita confissão! .....
116. Sem censura .....
117. *Lenir cantando* .....
118. De volta ao ofício .....
119. Explicação necessária .....
120. Esforço-me, contudo... ..
121. Espremendo as rimas .....
122. Quase um agradecimento .....
123. Pegando gosto .....
124. Toda ajuda é bem-vinda .....
125. Sem olhar para o relógio .....
126. Poesia e mistério .....

127. Navegar é realmente preciso .....
128. Cheio de medo .....
129. A pressa explica a imperfeição .....
130. Improriedade conjuntural .....
131. Desafio improdutivo .....
132. Sem sal mas com pimenta .....
133. Superando a dor .....
134. Sem injunções misteriosas .....
135. Brincadeiras à parte... ..
136. Agora é tarde... ..
137. Versos cadavéricos .....
138. Sinceridade, sim, mas não muita .....
139. Sazão de rimas .....
140. Contrassenso aparente .....
141. Que não se perca por esperar .....
142. Reconhecidamente fraco .....
143. O dom da simpatia .....
144. Vai a prima pomba... ..
145. Catequese bilaquiana .....
146. Para ler como se fosse o primeiro .....
147. Encantando o médium .....
148. Com ilusões .....
149. Atrevimento permitido .....
150. Sempre falta alguma coisa .....
151. Às vezes falta muita coisa .....
152. Por que insistir? .....
153. Com o tempo contadinho .....
154. O morto-carregando-o-vivo .....
155. Convite à reflexão .....
156. Rimar também ajuda .....
157. A poesia é privilégio dos bons? .....
158. Preferes dar ou ensinar? .....
159. Lembrando Raul Pompeia .....
160. Onde ficou a inspiração? .....
161. Halo de felicidade .....
162. Poesia e fé .....
163. É preciso ter calma .....
164. Desafio .....
165. As asas da razão .....
166. O poeta é um sofredor .....
167. Confundo o tal sentido .....
168. O que não parece bem .....
169. O caminho, a verdade e a vida .....
170. Interrogando o etéreo .....

171. Sofrível e sofrido .....
172. Desencontro e desencanto .....
173. Garimpando a dor .....
174. Sempre o Mestre .....
175. Uma mão lava — e a outra? .....
176. Preponderância da razão .....
177. Alegria sem entusiasmo .....
178. Mais que filosófico .....
179. Com ares de improviso .....
180. Derradeiros alentos .....
181. Adeus, amigos! .....

# 1

## Um bom começo

Estamos trabalhando com afinco,  
Pois fazer feio aqui não é conosco.  
Aí, a melhor rima está no enrosco  
Com que me enleio todo, quando brinco.

Mas como o verso sai tão rude, tosco  
E o número das provas chega a cinco,  
A porcelana aqui contém um trinco  
E o meu cristal, apenas vidro fosco.

É que o meu pessimismo já deslancha,  
Na esfera em que sofri falta de amores,  
E agora, se em minh'alma vejo a mancha

Que provoquei nas iras e furores,  
Percebo, ao transmitir, que tenho cancha,  
Que, um pouco mais, vou burilar as dores.



2

## Apanhado prevenido

Estranho, sobremodo, o meu compadre  
Que quer que eu faça um verso de improviso.  
E, como não lhe cabe ter juízo,  
Requer que seja rápido e me enquadre.

Mas tenho de inventar, pois é preciso  
Não escutar um cão, um só, que ladre,  
Pois despertar amor é co'a comadre,  
Que nos perdoa artigo, alínea e inciso.

Também não posso vir com verso tolo,  
Pois tenho a inteligência a meu favor.  
Então, me favorece o vir compô-lo,

Se a rima aqui disponho com louvor,  
E, quando o mestre vê que rola um rolo,  
Ajuda este estafermo sem valor.

### 3

#### O meu drama

O pouco que conheço cá do etéreo  
Pretendo pôr em versos, pouco a pouco.  
Espero que não faça ouvido mouco  
O amigo que me toma muito a sério.

Bem sei que este roteiro é muito louco,  
Que a voz que aqui ressoa é só mistério,  
No canto destes hinos do saltério,  
Que mais parece um coaxar tarouco.

Mas vou pedir um tanto de paciência,  
Pois uma das virtudes, a clemência,  
É que provoco mais para que vençam.

Então, o compromisso que assinei  
Faço valer, sabendo que é de lei  
Rogar a Deus amor e luz, em bênção.

## 4

### Acusado atrás da trova...

Não tenho pressa agora e já termino  
— Contraste de um poema que não fiz,  
Porque, para fazê-lo e ser feliz,  
Precisa que haja luz no meu ensino.

Mas como reconheço que se diz,  
Ao término do verso, que me inclino  
A tudo transformar em canto e hino,  
Também vou formulando a diretriz.

Se tenho como fácil a poesia,  
Nos quadros da estrutura em que se apoia,  
Então, que o meu leitor, em harmonia,

Encontre, neste entrelago, a melhor joia  
Para adornar a mente, pois teria,  
Por nos ouvir, tremenda paranoia.

## 5

### A verdade nua e crua

Eu sei que é bem mais fácil flautear,  
Buscando as rimas que se dão opacas,  
Para, ao final, dizer que são tão fracas,  
Porquanto hesito, sem jamais ousar.

Mas se as logrei, conforme tu destacas  
É que cheguei, ao vir tão devagar,  
A ponto deste amigo, em meu lugar,  
Cuidar de suprimir as grossas cracas.

Não falo à toa, que o meu mal se espalha  
Em versos broncos, sim, sem conteúdo,  
Pois reconheço ser fogo de palha

Deixar assinalado que sei tudo:  
Em pondo em risco a forma, que vem falha,  
Não há de sobrar nada deste estudo.

6

## Quase por obrigação

Na pressa de fazer um belo verso,  
Repito a mesma rima tantas vezes  
Que os temas me parecem vis, soezes,  
Embora o metro tenha um dom diverso.

É que, ao pensar que são tão só fregueses  
Os nossos bons amigos, deixo imerso  
No fundo da consciência e assim disperso  
O assunto que cantei nos entremezes.

Mas tento ainda um bom motivo pôr  
Nestes tercetos, p'ra valer a rima,  
Que só sofrer os males traz mais dor

Àquele a quem requeiro doce estima.  
Então, me comprometo e digo amor,  
Apenas por dizer, que o gajo anima.

7

## Expressão vs. impressão

Mas me envergonho tanto com a trova  
Que acabo de ditar, honestamente,  
Que tudo o mais que faço só comprova  
O quanto perturbada tenho a mente.

De que me vale a dor de toda a gente,  
Se a minha que me emprenha se renova,  
A ponto de dizer que então se aguenta  
Quem quer vir me cascar tremenda sova.

Mas meu leitor não deve perturbar-se:  
Apenas confrontar estas palavras  
Com algo bem melhor, feliz catarse

De quem é mais feliz nestas mensagens,  
Que eu tenho a chave para abrir tais lavras  
E penso em melhorar estas imagens.

## 8

### Desperdício

Vou melhorar dizendo que perdi  
De dez a zero, para o meu amigo  
Que fez o verso em metro mais antigo,  
Que mal e mal vou copiando aqui.

Na minha idade, estou tão a perigo  
De vir a confundir-me e já senti  
O quanto pernicioso sou p'ra ti,  
Que segues, no meu verso, cá comigo.

Se estou insinuando que sou mau,  
Nem precisava tanto desta métrica,  
Porque o sentido fora do normal

Há de causar a reação elétrica  
De quem, por um princípio natural,  
Bem sabe ser a minha ideia tétrica.

## 9

### Rindo de mim mesmo

Ao construir o verso, tenho medo  
De ser expulso logo para o Umbral,  
Porquanto aqui cheguei de forma tal  
Que conquistei a chance muito cedo.

É que treinei na Terra tal e qual,  
De sorte que o que faço é um arremedo,  
Contando simplesmente, em cada dedo,  
As sílabas que tenho impresso mal.

Mas o meu mestre diz-me que sossegue,  
Que tudo quanto faço na poesia  
Há de se recolher sem ser entregue

Ao povo, que requer mais harmonia  
Que um relinchar que lembre um pobre jegue,  
Conquanto pouca gente igual faria.



## 10

### Sem repercussão

Acomodado está quem me acompanha,  
Dizendo que melhor jamais faria,  
Embora preferisse a companhia  
De quem, com mais talento, a trova amanha.

Mas põe mais fé em mim que a melodia  
Se deixa ingurgitar e mais se assanha,  
Se os termos que disponho o belo arranha,  
Sem que se dê o contrário, todavia.

Então, estou dispondo o melhor tom  
Para burlar de vez a perfeição,  
Que o trato deste assunto me confunde.

Não quero que me digam simplesmente:  
— *Agora vamos ver quem é que sente!* —,  
Porquanto da maldade eu sou vimbunde.

11

## Eu, pecador, me confesso

Preciso concentrar-me nas virtudes,  
Pois tudo que escrevi foi muito opaco:  
Se o mal é superior e aqui destaco,  
Talvez seja querendo que tu mudes.

Mas, como vou fugir de um termo fraco,  
Se o pensamento gira em lassitudes,  
Conforme tu me vês, sem que me estudes,  
Que é fácil distinguir um bom dum caco?!

Aí é que a fumaça mostra o fogo  
Que me incendeia a alma e me tortura,  
Pois tudo quanto escrevo é só um jogo

Em que se esconde sempre a criatura  
Que se arre pia, ao se lembrar do rogo  
Que deve ao Pai, p'ra se tornar mais pura.

12

## Em dia sem inspiração

Tendo chegado a vez deste humilde poeta,  
Me ponho a versejar, fazendo muita força.  
Então, não passa a rima azada, sem que a torça,  
Para fazer da trova a tela mais completa.

Aí, hão de pedir-me que o final destorça,  
Pois são poucos os sons que vêm cumprir tal meta.  
E, para que dê certo, o médium já *resseta*,  
Na forma anglicizante, em que o meu mal contorça.

Ainda que agonize o metro vil do assunto,  
Que é fácil descrever, se tenho algum ouvido,  
Disparo o verborreico anelo dum defunto,

Querendo aqui salvar o verso, mas duvido  
Que o pobre tenha um ar que lhe livre o bestunto  
P'ra imaginar saída ainda com sentido.

13

## Envolvendo o médium

Peço, em nome da turma, ao escrevente  
Que assuma o compromisso da poesia,  
Que faça bem melhor a melodia,  
Pois tudo se repete aqui co'a gente.

É claro que esta mesma não daria  
P'ra melhorar, que o tema, simplesmente,  
Se põe imperativo, sem que aguento  
A perfeição da forma, todavia.

As ideias, o fundo, o conteúdo  
Não sofrerão castigo desta vez,  
Que a bizzarria é própria deste estudo,

Mas, quando alguém vier como freguês,  
Não deseje tão só dar-lhe um cascudo:  
Faça por ele o que por mim já fez.

14

## Em águas rasas

Eu rogo que me deixes prosseguir  
Ditando estes meus versos sem sabor:  
Preciso de algum tempo p'ra compor  
De modo que se alegre o Wladimir.

Então, este soneto é sem valor,  
Se tudo aqui prometo no porvir.  
Mas tenho o compromisso de fugir  
De provocar, no mestre, a mesma dor.

Atiro lá p'ra cima o pedregulho,  
Rezando p'ra que caia no deserto,  
Mas sinto, em minha mente, certo orgulho

Que faz com que a tal pedra caia perto.  
Mas como, cuidadoso, eu não me embrulho,  
O seixo foi pequeno, fraco, esperto.

15

## No meio do caminho

O treino já faz tempo que passou:  
Agora quem compõe conhece a rima.  
É claro que não tem talento e clima,  
Mas, com respeito, vem para o seu *show*.

Afirmo que esta turma mais se anima  
Ao ver o resultado que deixou  
Impresso na telinha em que espelhou  
O metro que se encontra em quem mais prima.

Agora que domino a forma extensa  
Da cálida poesia que me aflige,  
O pobre que me lê não gosta e pensa,

No que terá razão, que, como estrige,  
Eu venho aqui sugar a vida densa  
De quem só contensão de si exige.

16

### Por falar em mim...

Parece obrigatório vir mexer  
Com quem cá se apresenta p'ro trabalho.  
É que este povo sabe que agasalho  
Lhe dá o caro médium, por dever.

Assim, eu vou compondo, mas espalho,  
Aos quatro ventos sempre, que o poder  
Está nas mãos de quem, com bem-querer,  
Evita que o meu verso esteja falho.

Ao lhe passar a ideia, não permito  
Que exerça o seu direito de vetar-me,  
Mas, como é bem sutil o nosso atrito,

Não posso aqui bradar em sério alarme.  
Agradecido estou, feliz, bendito,  
Fazendo ao bom leitor um certo charme.

17

## Ouçã quem tem ouvidos

Preparo a minha tese e ponho em verso,  
Rezando p'ra que o moço que me serve  
Conheça a rima que contenha a verve,  
P'ra que o leitor se veja aqui imerso.

É como se o poema já se inerve  
E se estructure em corpo bem diverso  
Daqueles que compus, por ser perverso,  
Aí na Terra, em forma assaz enerve.

Mas vejo que mantive a mesma linha,  
Pois busco o efeito lídimo do belo,  
Quando devia ver que se avizinha

A monstruosa criação que anelo,  
Insatisfeito sempre, pois se apinha  
A série dos vocábulos que atrelo.



18

## Uma mão lava a outra

Hipócrita seria se fizesse  
Um texto em que as virtudes exaltasse,  
Mas, vendo o médium livre, dou-lhe um passe,  
Para marcar um gol, sem que se estresse.

Os meus amigos todos desta classe  
Desejam vir colher versos da messe,  
Sabendo que o leitor jamais se esquece,  
Se se agradar da rima, sem impasse.

Por isto é que faculto ao bom amigo  
Que venha aqui compor junto comigo,  
Movimentando as teclas sempre rápido,

Para evitar que a trova se apresente  
Um pouco claudicante para a gente  
Que desejava um poemeto sávido.

19

## Cedo ou tarde, a verdade

Não devo desviar-me do roteiro,  
Pois perco-me na estrada, se desvio:  
Os versos muito pobres que lhe envio  
Aí devem chegar como requeiro.

Não posso refazer, pois não confio  
Na inspiração da hora, por inteiro.  
É bem melhor, se rascunhar primeiro,  
Que o resultado há de expressar meu brio.

Também fica exultante este meu médium,  
Por não causar-lhe a trova nenhum tédio,  
Pois tudo é rapidinho e já termino.

Então, a conclusão perfaz sentido,  
Ainda que o leitor diga: — *Duvido*  
*Que tudo se escreveu com descortino.*

20

## Palavras, só palavras

Estranha o bom leitor que este meu tema  
Se torne corriqueiro junto ao grupo.  
De tanto repetir-se, a rima apupo,  
Princípio universal do estratagema.

Mas sempre sou autêntico e me ocupo  
Em prevenir as glosas do sistema,  
Pois poucas têm virtude tão suprema  
E muitas são aquelas que eu engrupo.

Mas onde estão os termos inefáveis,  
Com o sabor poético da trufa?  
Ao menos, cá na Terra são amáveis,

Enquanto o sentimento não se entufa,  
Enlanguescendo as trovas improváveis  
De quem, por muito menos, já se arrufa.

21

## Não há como ser simples

Não venho como vinha antigamente  
Em tempos de poesia em bela rima.  
Agora, este poeta não se anima,  
Porquanto é tão patético o que sente.

Ao menos, quem me lê também me estima,  
Conquanto o nosso encontro raramente  
Lhe dê prazer, que o tema não desmente  
O mesmo tom da dor que não sublima.

O sofrimento é tanto que versejo  
Apenas p'ra tornar meu dia amargo,  
Que o verso, para mim, é benfazejo:

Desanuvia a mente, sem embargo  
De realizar o meu maior desejo  
Que é de esquecer os dolos deste encargo.

22

## Para falar de versos

Às vezes, eu consigo aqui expressar-me,  
No rastro deste verso tão sutil,  
Mas um, e apenas um, dentro de mil  
Não causa no leitor qualquer alarme.

Recordo-me dos hinos do Brasil,  
A provocar nas mentes seu desarme,  
Que a lira que acompanha este meu carne  
Também tem sons de aspeto juvenil.

E assim vou prosseguindo sempre impávido,  
A desbastar as selvas de minh'alma,  
A requerer amor sempre mais ávido,

Mas dando muito pouco pois me perco  
E o tema não progride, gora, espalma,  
Livrando-se do assédio do meu cerco.

23

## Último alento

Requeiro que descanse o meu amigo:  
Não tente ser apenas serviçal;  
Evite que se saia o gajo mal;  
Afastese da mesa e do perigo.

Neste improviso pouco natural,  
Sustente a melhor rima, que eu consigo  
Deixar um bom soneto, pois, comigo,  
Você há de atrever-se, e coisa e tal.

Não posso registrar um tema sério,  
Que a rima que apresento é bem comum,  
Despreparada até p'ro refrigerio

De quem exala odores de *bebum*.  
Eis que revelo, enfim, o meu mistério,  
Rogando que me ajude no jejum.

24

## É justo

Não posso bendizer minha saudade  
Do tempo em que na Terra fui feliz:  
Verdade é que, na crosta, eu sempre fiz  
O que surgia em mim como vontade.

Prejudiquei alguém que não me quis  
E dei-lhe um corretivo sem piedade,  
Porém, não me importei com a maldade,  
Até que vi o capim pela raiz.

Agora, eu curto a dor e me estremeço,  
Porque devo partir de novo ao mundo  
E pôr em dia o carma do começo.

Quisera progredir mas é profundo  
Aquele meu remorso e bem mereço  
Sentir a sensação que me contundo.

25

## Não haja precipitação

Desejo postergar a decisão,  
Pois tenho a liberdade de escolher,  
Porém, ausente está do meu poder  
Fazer valer o dom que tenho em mão.

Aqui, quem não cumprir o seu dever  
Não pode argumentar que seja em vão  
O bom trabalho em prol de seu irmão,  
Pois tudo o que se almeja é bem-querer.

Assim, devo levar o meu projeto,  
Ainda que não seja tão completo,  
Até reconciliar-me, finalmente.

Já recebi o perdão pelas ofensas  
Mas o meu mestre diz: — *É bom que venças*  
*As duras condições de tua mente.*



26

## Reflexão oportuna

Eu posso me indispor com meu amigo,  
Se desejar fazer-me de palhaço;  
Mas, se ofender-me, é triste isso que faço,  
Porque não sei agir segundo o artigo.

A lei me compromete co' o fracasso,  
Se revidar o dolo mais antigo;  
Se perdoar, contudo, já consigo  
Iluminar em torno o meu espaço.

A decisão é falha, se perdoo  
Pensando em recompensas superiores.  
No fim, hei de sofrer tremendo enjoo,

Porquanto a consciência sente as dores,  
Que a liberdade às asas desse voo,  
Por força, não lhe dão os bons mentores.

27

## Fuja do mal

Não penso em transtornar o meu leitor,  
Contando o que se passa aqui comigo.  
Mas sempre eu vou falar-lhe do perigo  
De desprezar os outros com rancor.

Os termos que disponho como abrigo  
São sempre os mais severos para a dor  
De se sentir o gajo inferior,  
Quando quer dar de si, mas sem castigo.

Por isso, esta poesia já fracassa,  
Porquanto a minha verve não comove  
Quem tenha prevenção, que a ideia escassa,

E mais rareia o verso, sem que prove  
O quanto sofre o cara, na desgraça,  
Para que o carma seu não se renove.

28

## Arrastão frustrado

O resultado é pífio como provo,  
Que o verso segue o verso e fica nisso.  
Mas tenho de cumprir meu compromisso  
De vir mostrar que a trova cá renovo.

Depois de terminar, eu mais me enguiço  
E deixo a rima torta, pois desovo  
O sentimento chulo e desencovo  
Uma tristeza tola, sem derriço.

De qualquer modo, vou levando a vida  
Do jeito que componho o próprio verso.  
Se tanta imperfeição não te convida

A vires nestas glosas mais imerso,  
Meu caro e bom leitor, está falida  
A mostra que te trouxe, tão perverso.

29

## Procura inconsistente

Cantei, cantou, cantamos, toda a gente,  
Que o verbo eu não conjugo sem um fim.  
Mas tudo quanto digo é tão ruim  
Que, quando o verso encerro, estou contente.

É que chegou alguém perto de mim  
E disse bem baixinho: — *Finalmente,*  
*A vida do poeta segue em frente,*  
*Depois de saciar-se em bom capim.*

— *Perdão, Senhor, vos peço,* no arremedo  
Dum verso antigo, rico e inoportuno,  
Que é rico para o autor, que não tem medo

De ver que o bom leitor fica jejuno,  
Se eu despertar p'ros versos muito cedo,  
Enquanto as tais virtudes não reúno.

30

### Argamassa preciosa

Empetequei a rima e me aprumei  
P'ra solfejar o verso junto à mesa.  
Queria era causar, com tal beleza,  
A inveja das pessoas desta grei.

O sentimento mau virou proeza,  
Na guerra da consciência, pois errei  
Por me julgar no reino o grande rei,  
Pois ser vassalo sempre, que dureza!

Eu não sabia, então, que era importante  
Levar o compromisso mais adiante,  
Embora em trovas pobres, sem prestígio.

Agora que este tema desenvolvo,  
São muitos os tentáculos do polvo,  
Alguns dos quais do bem trazem vestígio.

31

## Instigante perspectiva

Inolvidáveis dias tenho tido,  
Pois nunca me senti tão à vontade  
Para dizer ao povo que se agrada  
De ter da vida a dor co'algum sentido.

O sofrimento é carma resolvido,  
Depois que o mal passou como verdade.  
Quem tem juízo, então, se persuade  
Que deve melhorar; — eu não duvido.

Nem tudo claro está na minha trova,  
Pois claro o pensamento inda não tenho;  
Mas, como a imperfeição o mal comprova,

Qualquer que seja agora o desempenho,  
O amigo que me lê também renova  
A dúvida que traz cerrado o cenho.

32

### Subtileza sem *b*

Não posso aqui perder-me em vã promessa  
E devo desde já montar a rima  
Com que vou adornar a minha estima,  
Nas velas que acendi, essa por essa.

Passagem que me obriga porque anima,  
O verso deve ser feroz à beça;  
Então, vou formulando a bela peça,  
No simbolismo chocho em que se arrima.

Eu sei, porque estudei, ser bem gongórico  
Trazer sutil o tom sempre alegórico,  
De sorte que se espante o bom leitor.

Mas o meu mestre ri, pois sou singelo  
E digo tudo quanto em mim revelo,  
Nas formas enredanças do compor.

33

### Dos deveres e competências

Não posso preocupar-me co' o ditado,  
Que a trova tenho pronta há vários dias.  
Se o médium rejeitar minhas poesias,  
Eu volto aqui de novo preparado.

São tantas estas rimas que darias,  
Meu bom leitor, um grande e forte brado,  
Se todas duma vez fossem de agrado  
Que te obrigasse o mestre às melodias.

O sofrimento vem para o mistério  
De se saber cumprida a tal missão,  
Que o verso que aqui deixo é refrigério,

Embora dê trabalho ao bom irmão.  
O duro é relembrar o cemitério,  
Momento em que vigora a obrigação.



34

## Sem ilusão

Rejeito que o cansaço teu desculpe  
O fato de esquecer minha mensagem.  
Eu venho, sim, de longe, em má viagem,  
Enquanto o verso meu o mestre esculpe.

Mas levarei, no fim, séria vantagem,  
Ao afirmar meu médium puro, inculpe,  
Porquanto, em sã consciência, já me insculpe,  
No mármore da tela, a bela imagem.

Não creio que estes versos ganhem mundo,  
Que os sentimentos deles não garantam  
Que possam ter prestígio assim profundo

No coração das gentes, mas meu pranto  
É mui sincero e franco, pois inundo  
As páginas que escrevo, sem encanto.

35

### Sem enfado, por favor!

Não posso e não pretendo transgredir  
A norma da poesia que me obriga  
A respeitar a casa que me abriga  
E o coração do médium Wladimir.

É fraca esta escansão mas não periga,  
Que o verso que aqui faço é sem porvir.  
Portanto, já não chora e põe-se a rir  
Aquele poetastro dum afiga.

Mas o meu mestre, sério, dá tal bronca  
Na irreverência minha que componho  
Os últimos tercetos sem farronca,

Agradecendo ao Pai estar risonho,  
Que a rima que progride apenas ronca  
Como o trovão sem luz, dentro do sonho.

36

## Arrufos

Vamos dar mais tempo ao drama,  
Porque tudo é mui recente:  
O furor que hoje se sente  
É fagulha que se inflama.

Se tal fato é mais frequente,  
Se provar que alguém não ama,  
Que se apague então a chama;  
Quem sofrer que mais aguente.

Mas se a palha se apagar  
Sem que as cinzas apareçam,  
Que se volte para o lar,

Que as briguinhas já se esqueçam:  
Vamos todos aguardar  
Que as pazes se estabeleçam.

37

## Contratempos

No trato que mantemos entre nós,  
Aqui no etéreo, sempre proveitoso,  
Apenas compreendemos como gozo  
Estar o nosso amigo mais veloz.

É que a partilha deste bem ditoso  
Há de tornar quem tenha a melhor voz,  
Para ditar o verso, embora atroz,  
Que imaginou o gajo em dia ocioso.

Por isso, a boa rima se desfaz  
Em temas de profunda redundância,  
Querendo e não querendo que haja paz,

Que é tão terrível de pintar a ânsia  
De quem se sabe muito bem capaz,  
Mas que se perde aqui pela ganância.

38

### Em menos de cinco minutos

Acato a decisão do caro médium  
De suspender agora este trabalho:  
Apenas vou quebrar este seu galho,  
Porque não tenho aqui outro remédio.

Então, posso dizer-lhe que não falho  
Na prestação cerrada deste assédio,  
Que tudo o que se passa vai sem tédio,  
Mas toma a forma triste de espantalho.

Se cá disser o tempo que gastei,  
Para ditar-lhe os versos do soneto,  
Talvez consiga impressionar a grei,

Que sempre considera tudo preto:  
É que nestas poesias eu sou rei  
Mas nunca uma obra-prima aqui prometo.

39

### Com suave alegria

Não gosto quando o amigo desconfia  
De que não há ninguém para o poema.  
É certo que utilizo o estratagema,  
Para emprestar motivos p'ra poesia.

Mas, quanto a repetir o mesmo tema,  
É justo que suspeite que faria  
Melhor, se desse ouvido à melodia,  
Para esquecer que o mote assim se estrema.

E como desenvolvo o meu discurso,  
Querendo que me prestem tal serviço,  
Não seja mais amigo lá do urso

E abrace a minha rima e o compromisso  
De me facilitar este percurso,  
Levando-ma ao leitor com muito viço.

40

### Com suave censura

Nem sempre a solução que trago agrada,  
Que o verso é bronco, rústico, capenga:  
Além de se propor em lengalenga,  
Estabelece um prisma que me enfada.

Mas tal tristeza é lúdica e parlenga,  
Intérmina, a sofrida alma penada,  
Pois tudo o que dispõe é quase nada,  
Que o gajo que solfeja é mui molenga.

E vou levando a trova a um bom final,  
Desempenhando a rima, proficiente,  
Mostrando como estou; é tal e qual

Aquele que se iguala com a gente,  
Querendo que perdoe Deus o mal;  
No entanto, ao perdoar, o cabra mente.

41

### Com suave contrição

Agora que dispus minha figura,  
Em versos mui sofridos, meu amigo,  
Procura concordar hoje comigo,  
Pois quem pena de dor também me atura.

Quisera um verso lindo e não consigo,  
Que tudo o que arrecado não se apura  
E o mestre que me ajuda já não jura  
Que as rimas mais me afastam do perigo.

Então, cabe ao leitor, e a ti somente,  
Depositar em mim a fé que peço:  
Que a tenha na memória mui frequente,

Porquanto, se algum dia o meu sucesso  
Puser o melhor verso em tua frente,  
É que compus a prece em que me expresso.



42

## Nem sempre vale a intenção

Jesus, traze-me a paz dos mais devotos,  
Ao menos para os versos que componho.  
São tantas as virtudes com que sonho  
Que sinto envergonhar-me com seus votos.

Não quero produzir nada medonho,  
Porém, não vou quedar-me entre os ignotos,  
Pois devo aqui exhibir as minhas fotos,  
O que não me permite ser bisonho.

Então, eu vou rezar as minhas preces  
Em prol desta escansão, mas sem pensar  
Que devem vir colher das pobres messes

Os meus leitores, quando, devagar,  
Eu sinto cada rima que forneces,  
Senhor, p'ra que o soneto eu possa atar.

43

## A intenção é fundamental

Estendo o meu tapete que caminhe  
O bom amigo que me lê por ora  
E passo-lhe o meu lenço, quando chora,  
Caso na dor o coração se aninhe.

É pouco o que forneço, muito embora  
Pretenda rica a rima e que se alinhe  
Entre as melhores, sem que o vate apinhe  
Os temas, sem critério e sem demora.

Por isso é que forneço um texto sério,  
Rogando, ó bom Jesus, teu refrigerio,  
Nas luzes dos irmãos que me auxiliam.

No etéreo, o que se faz, em bom conjunto,  
Reflete o pensamento, em nobre assunto,  
Se em nossas intenções todos confiam.

44

## Reconhecendo as intenções

Se queres repousar, meu bom leitor,  
Que as rimas se sucedem tão ingratas,  
Procura, na amplidão, nossas fragatas,  
Pois vamos, vento em popa, aqui compor.

Se julgas que o teu tempo malbaratas,  
Ao veres quanto a trova é inferior,  
Suspende o pensamento, por favor,  
E vê se tu consegues duplicatas.

Depois de muito teres solfejado  
E posto em versos os melhores temas,  
Relê p'ra nós o que te for de agrado,

Porquanto, ouvindo os cantos e os poemas,  
Iremos aprender do nosso lado  
Quais são os diapasões em que te extremas.

45

## Versos assim não se improvisam

Eternamente é pouco para alguém  
Que julgue que o sofrer não tem função.  
Enquanto não mudar seu coração,  
Não dá um simples passo mais além.

Por isto é que capricho na escansão  
E faço os meus versinhos cá também:  
Para mostrar ao povo que se tem,  
Na caridade, amor e salvação.

Se compreenderes tu meu compromisso,  
Verás que estou prestando um bom serviço,  
Ao demonstrar as dores que me ferem.

Enaltecendo o brio de quem palpita  
Em prol do seu irmão e já não grita,  
Perdoa, tu, também os que malquerem.

46

## Nem estes

Pretendo negociar mais um soneto,  
Que a quota permanece em dois ou três.  
Mas devo demonstrar tal lucidez  
Ao gajo que me ajuda no dueto.

Então, suspendo o verso de uma vez  
E espero que se escreva outro quarteto.  
Mas, sem se definir este esqueleto,  
Nada logrei, que o texto não se fez.

Assim, também na vida o companheiro  
A quem mais probidade aqui requeiro  
Há de perder-se sempre, pois não sabe

Como é que se compõe o tal assunto.  
É bem melhor seguir com ele junto,  
Que adivinhar as rimas não lhe cabe.

47

## O egoísmo revelado

*— Não venho concordar com teu pecado,  
Ó tu, que não pretendes melhorar.  
Se queres merecer estar no altar,  
Humilha-te e perdoa o meu recado.*

Assim dizia eu, a praguejar  
Contra a malícia minha deste lado,  
Que tudo o que fazia era de agrado  
De quem me ofereceu vir divagar.

Mas, nesse mundo, apenas eu consigo  
Pensava como pensa com umbigo  
Aquele que dá voltas no seu quarto.

É que, ao sair de mim, é perigoso  
De se perder da vida o melhor gozo,  
Embora se surpreenda um dia farto.

48

## A maldição cultural

Nas franjas da memória se guardou  
O que mais fiz de bom na vida minha:  
A humanidade assim se descaminha,  
Na fé de que o passado deu seu *show*.

Mas quem pensar: *“Onde é que agora estou?”*,  
Sentindo que o futuro se avizinha,  
Há de lembrar que medo sempre tinha  
De alguém de dedo em riste: *“Por quem sou?!”*

É que, ao fazer o bem visando a grei,  
Alegre o gajo fica e na esperança  
De que, na aplicação justa da lei,

O amor do Pai o filho sempre alcança,  
Ao responder-lhe ao tema: *“Onde errei?”*,  
Que o Dom Quixote fez de Sancho Pança.

49

## A sorte requerida

Se trouxe cá comigo o preconceito  
Que tive contra os pobres lá na Terra,  
Eu sei agora que a virtude encerra  
A miserável condição do eito.

Então, eu peço ao mestre, nesta guerra,  
Que, ao regressar à vida, seja eleito  
Débil mental ou algo desse jeito,  
P'ra reforçar o amor que agora emperra.

Mas, ao dormir, eu quero seja linda  
Minha estadia em terras cá do etéreo,  
Para manter acesa mais ainda

Minha vontade de voltar mais sério,  
Que a sucessão dos fatos, sendo infinda,  
Vai aumentar bem mais meu refrigerio.



50

### Misteriosa trova

Não devo e, mais, não posso prosseguir,  
Pois, ao forçar o médium, prejudico  
O meu desejo dum poema rico  
Que deixe alegre o amigo Wladimir.

Mas, ao fazer as rimas, já claudico,  
Julgando que o melhor está p'ra vir,  
Que o tema desta tralha, no porvir,  
Irá glorificar quem *pague o mico*.

Assim, o desconforto desta rima  
Vem só p'ra demonstrar a minha estima  
Àquele que me ajuda no trabalho.

Se o tema se perverte mais um pouco,  
Não pense, bom leitor, que esteja louco  
Quem se perdeu no jogo do baralho.

51

## Mistura irrefragável

Não vamos esperar que haja surpresa  
No público que ler as nossas rimas:  
Podemos aguardar muitas estimas,  
Porém, não haverá qualquer proeza.

Se tu não te contentas e sublimas,  
Dizendo que é difícil que a pobreza  
Encontre os tais caminhos da beleza,  
Então, não fugiremos destes climas.

Embora aqui façamos o impossível,  
Espera-se de nós que haja milagre.  
Mas isso, cá no Umbral, é inatingível.

Então, vamos pedir que se consagre  
O autor que poetar ao mesmo nível  
De quem gosta do açúcar com vinagre.

52

## Navegando em segurança

Ajuda-me, colega, que eu perdoe  
A tua irreverência p'ra comigo.  
Se apoio não me deres, não consigo  
Bailar em pleno ar neste meu voo.

É meu desejo, já bastante antigo,  
Avaliar o ponto em que me enjoa  
E apuro os meus ouvidos p'ro ressoo,  
Pois algo há de avisar-me do perigo.

Mas tudo permanece tão o mesmo  
Que as frases cá disponho meio a esmo,  
Pedindo ao Pai perdão pela imprudência.

Porém, o bom amigo dá-me um jeito  
De pôr no verso um tom d'algo bem feito  
Que eu posso agradecer sem penitência.

53

### Enfim, a caminho!

Preciso terminar minha poesia,  
Por espremer-se o tempo, se demoro.  
O verso fica lindo, se o decoro  
E trago a rima em límpida harmonia.

Utilizando os termos, rememoro  
Os trechos que estudei na Terra, um dia.  
Bem sei que aqui melhor jamais faria;  
Por isso, mal-e-mal o tema afloro.

Se o pensamento torno tão simplório,  
À forma dou, contudo, mais vigor,  
P'ra que o leitor não siga no velório,

Queimando vela boa ao recompor  
O texto, quando vê que o peditório  
É por perdão, por luz, por mais amor.

54

## Diferenças notáveis

Estive a contemplar o bom trabalho  
Da turma que aqui vem p'ra prosear.  
Os versos é que ficam mais no ar,  
Porquanto com tais metros me atrapalho.

Assim, não dou sequência popular  
Aos textos que elaboro e logo espalho  
Para mostrar que tenho este espantalho,  
A fim de me manter neste lugar.

Se o texto dos irmãos vem num segundo  
E o meu chorado pranto se afigura,  
É que o modelo prima neste mundo

Em que vagueia triste a criatura:  
O pensamento é bom, mas não profundo;  
O sentimento brilha, mas não dura.

55

## Preocupação perene

Não tenha compaixão para o meu verso  
E *desça a ripa* nele, sem piedade.  
Eu quero que a poesia muito agrade,  
Ó caro leitor meu incontroverso.

Porém, se não fizer por vil vaidade,  
Qual há de ser o sentimento imerso  
No egoísmo do texto que alicerço,  
Pensando nesta dor que já me invade?

É que o roteiro extraio de minh'alma.  
P'ra refletir depois, com muita calma,  
Nas emoções que tive ao confirmá-lo.

As tais palavras soltas vou uni-las,  
Para deixar as rimas mais tranquilas  
No espírito de quem vem p'ro regalo.

56

## Controle e disciplina

Estúpido e boçal é pôr no gozo  
Do verso em si tal prisma da virtude:  
É que a vaidade o mestre quer que eu mude  
Em algo mais feliz e proveitoso.

A história diz que é minha essa atitude  
De regular o texto cavernoso  
Por algo mais melífluo, formoso,  
Na hora de enfeixar a crise rude.

Serenamente, eu trago o meu poema,  
Porquanto a caridade manda orar,  
P'ra que o leitor entenda que é suprema

A forma em que disponho aos pés do altar  
A prece para abrir a dura algema:  
Um grito, simplesmente, sem gritar.

57

## Direto do bolso do colete

Poesia é tão somente um complemento  
Do dia de trabalho aqui na Terra.  
Às vezes, o ditado cá se encerra,  
Restando para nós um só momento.

Então, não desejando estar em guerra,  
Que é triste a frustração do sentimento,  
Pedimos que este médium diga "*Aguento  
Ficar com um soneto*", pois não erra.

Por isso, vou tornando ao meu retiro,  
Alegre por compor este recado  
Que tanta conferência estimulou.

Sem perguntar quem vem, eu não atiro;  
Nem ponho, no poema, um desagrado;  
Nem dou, no palco alheio, um falso *show*.



58

## Recordações terrenas

As ânsias do perfeito pairam n'alma  
De quem conhece as rimas e as pratica,  
Mas, antes de fazê-las, quer mais rica  
A decisão de pôr na trova a palma.

É que a vaidade prima e justifica  
Que venha poetar, estando em calma,  
O gajo que, no verso, o bem ensalma,  
Porque não soluciona e mais complica.

Aqui somente o exemplo prevalece,  
Que o pensamento é pobre e sem pudor.  
A forma, enquanto terço, mais fenece,

Nos termos de caráter superior,  
Que não combinam, se os coloco em prece;  
Que fazem mal, quando lhes peço amor.

59

## O disfarce poético

Ativo o meu processo e já poeta,  
Lucrando algumas rimas preciosas.  
Mas tu, que não te iludes, antegozas  
A imperfeição do texto no concreto.

Então, eu te surpreendo em minhas glosas,  
Deixando um pensamento mais completo,  
Na escolha deste léxico em que afeto  
O prisma da verdade em que te algozas.

Mas, nesta escolha dúbia, nunca venço  
A principal virtude cá do etéreo  
E aceno, esperançado, com o lenço

Que trouxe amarfanhado de mistério,  
Que o meu soneto monto, em contrassenso  
De quem quer o melhor p'ro refrigério.

60

## A revelação poética

Devo dizer que o lucro que hoje alcanço  
Não posso vir contar como vanglória,  
Que a rima, por ser rica, é mui simplória  
E o pouco de virtude chega ranço.

Um dia, vão saber de toda a história,  
Que agora este poeta quer descanso.  
Também, se suspeitarem que hoje danço,  
Vão logo descobrir-me a trajetória.

O meu trabalho é forte e contundente,  
Na análise que faço de mim mesmo:  
Se o verso que componho sai a esmo,

O texto é que sugere que não mente  
Quem tem a sua sina e denuncia  
As lágrimas que oculta na poesia.

61

## Um dia eu chego lá!

Queria exorbitar a minha trova,  
Para atingir o cerne dos problemas.  
Então foi que pensei que são extremas  
As teses que se põem a quem comprova.

Pedindo permissão para alguns temas,  
O mestre perguntou: — *Que rima nova  
Irá já demonstrar, se estás na cova  
E lutas por abrir tuas algemas?*

Senti no coração um forte aperto,  
Mas o meu mestre riu do desconforto  
E disse-me que agisse com acerto,

Falando, simplesmente, que está torto  
O verso que pretende dar concerto,  
Enquanto as impressões são as de um morto.

62

### Com alguma bonomia

Pulando miudinho, dei de mim  
O mais que pude, nestes versos rudes.  
Então, eu descobri como as virtudes  
Não davam cobertura ao que é ruim.

Espero, meu leitor, que tu não mudes,  
Porque foi com amor que aqui eu vim:  
Se tudo te parece tão *chinfrim*,  
Precisa que outros textos mais estudes.

O refrigério d'alma que te espera,  
Ao cabo do soneto e do suspiro,  
É próprio de quem vive nessa esfera

E raro pelo etéreo dá-lhe um giro;  
Mas, como já conheces quem opera,  
Eu peço o teu perdão e me retiro.

63

## Provocativo

— Notável! — vai dizer o bom leitor,  
Sabendo o pouco tempo que aqui tenho,  
No entanto, este meu médium franze o cenho,  
Achando que improviso ao vir compor.

Mas tarde, ao recordar o meu empenho,  
Encara o resultado com amor  
E julga o meu soneto superior,  
Melhor do que ninguém no ardor ferrenho.

A crise deste tempo me deprime,  
Que o verbo mais pelejo por valer,  
Na busca da palavra que aqui rime,

Juntando esta notícia ao bem-querer,  
Para que o texto a dor e o mal sublime,  
Que tanto eu peço ao Pai por tal poder.

64

## Guarda os teus comentários

Se queres que te faça uma homenagem,  
Ó alma que suportas tanta trova,  
Esquece o preconceito que reprova  
O texto resultante da mensagem.

Enterra essa vaidade e o mal na cova  
Em que começarás tua viagem  
Por terras cá do etéreo, em que a coragem  
Consiste em enfrentar a coisa nova.

— Poesias de defuntos sem talento! —,  
Estás a meditar com teus botões,  
Mas peço-te que estejas bem atento,

Que vão, nas entrelinhas, os sermões.  
Depois não há dizer: — Eu não aguento  
O fato de ter visto só senões...

65

## Não julgues pelo resultado

A gente cá do etéreo mui se esforça  
Para ditar uns versos mais modernos,  
Mas, ao grafar as rimas nos cadernos,  
Notamos quanta gente as mede à orça.

No entanto, aqui se querem bens eternos  
Os textos em que a métrica reforças,  
Ó coração indômito, que introrsas  
A tal visão dos males dos infernos.

Mas sempre que concludo algum soneto  
E dou por terminada a tal tarefa,  
Eu noto um ponto denso, rude e preto,

Na tela em que se põe a sinalefa,  
Que a trova compromete este dueto:  
O médium não aceita quem mais blefa.



66

## Não podemos tudo

Prefiro que me invoquem noutra hora  
Para falar a quem me pede ajuda:  
O tempo da poesia a quem estuda  
É que se determina, sem demora.

Espero que o leitor jamais se iluda,  
Que é fácil de enganar-se quem deplora  
O fato de não ter resposta agora,  
Pois tudo quer de pronto e nunca muda.

As peripécias várias deste tema  
Não cabem num soneto, simplesmente.  
Mas posso resolver este problema,

Dizendo a quem me acusa que não mente  
Quem pede por favor que não mais tema,  
Porquanto é do Senhor a luz ausente.

67

## Refrigério aparente

Estando muito fácil vir compor,  
Desprendo-me dos vícios, por instantes,  
E sinto-me feliz, bem mais que antes,  
Que esqueço, por momentos, minha dor.

Se me disserem que o quartel d'Abrantes  
Não dá guarida a nada superior,  
Pois que na mesma fica o tal valor,  
Aí vou requerer alguns calmantes.

É que atropelo o verso e desconjuncto  
O tema com que vinha aparelhado.  
Então, apelo ao mestre e ao meu bestunto,

Porquanto do soneto eu não me agrado,  
Porque não fui capaz de seguir junto  
De quem, quando cheguei, estava ao lado.

68

## Incólume não saio

Prefiro ouvir antigas ladainhas,  
No lengalenga inútil dos pedidos,  
A vir estimular os teus ouvidos,  
Com cânticos que logo tu espezinhas.

Mas como sou molesto e são perdidos  
Os versos que componho p'ras modinhas,  
Eu peço que me deixes com as minhas  
Perversas produções, nos dois sentidos.

Não posso controlar o resultado  
Depois de impressa a trova e divulgada.  
Então, vou prevenir-me deste lado,

Dizendo como tudo é quase nada.  
Mas algo faço bem: não retrogrado,  
Que os males não aumento na parada.

69

## Seguindo o padrão

— Respeita toda a Lei e os seus profetas —,  
Recomendou Jesus ao pobre rico.  
Eu mesmo não compreendo e justifico,  
Tentando algumas trovas mais discretas.

Então, vou descobrir como é que aplico  
As leis do amor que são as mais completas,  
Passando a porfiar com os poetas  
Que amaram mais a si, o que eu critico.

No entanto, p'ra que serve esta poesia,  
Senão p'ra demonstrar como é que estou?  
Didática expressão melhor daria

Em prosa sentenciosa e não num *show*  
De sons para montar a melodia,  
Que assim é que este amor hoje medrou.

70

## Nem forçando

Requeiro ao leitor meu que mais te animes,  
À vista deste texto superior,  
E deixa desfrutar de teu amor,  
Que as rimas que componho estão sublimes.

Eu digo por ser teu tanto valor,  
Na apreciação das teses dos regimes  
Com que toda a virtude em mim imprimes,  
Porque me privo aqui de te indispor.

Ao provocar-te a fúria literária,  
Apelo, sem pudor, para a sandice,  
Deixando sem critério e mui precária

A trova em que pretendo a bizarrice  
De dar-te o tema como a luminária  
Que traz a luz conforme o Cristo disse.

71

## Um pouco de otimismo

Entendo que o compadre esteja tenso,  
Na ânsia de saber o que se passa,  
Mas crê em que no Pai terás a graça,  
Se tudo aí fizeres como penso.

O gesto da justiça senta praça  
No amor, quando do bem mais me convenço.  
Aborrecer-te agora é contrassenso,  
Porquanto a bela rima rui, fracassa.

O espírito que gera a caridade  
Precisa compreender o que Jesus  
Sofreu, porque, se o verso persuade,

É que a maior virtude já conduz;  
No entanto, a fé, que o coração invade,  
Mantém certa esperança em minha luz.

72

## Da esperança

É rico o meu filão de rimas, sim,  
Pois tudo quanto escrevo se aproveita.  
No entanto, é muito pouco o que se aceita,  
No instante em que o leitor não pensa assim.

A porta da poesia é bem estreita,  
Que a fama prepondera, mas não vim  
Querendo que trabalhes para mim,  
Mas que me dê amor, que o bem se ajeita.

O tema da fortuna permanece,  
Porém, aqui não vale o teu dinheiro,  
Que o dom que os anjos colhem, nesta messe,

Resulta do favor que mais requeiro:  
Que rezes por quem sofre alguma prece,  
Que a luz será p'ra ti, se és verdadeiro.

73

## Reestruturando o tempo

Eu bem sei não ser fácil para o médium  
Passar da prosa ao verso de imediato,  
Mas devo repetir que logo acato  
Ser o descanso agora o seu remédio.

Então, fiquemos nós no primo ato,  
Deixando p'ra amanhã um novo assédio,  
Sem carregar no coração o tédio  
De ver de volta a rima do contrato.

Não vale a quantidade mas o bem  
Que desta trova o povo usufruir;  
Nem quero que se canse ele também

Ao ler meus textos tolos no porvir.  
Vamos orar, que a luz que o mal retém  
Irá dar vida e força a quem me ouvir.



74

## Estuda, cara!

A dúvida que trago dentro ao peito  
Não tem o compromisso da resposta:  
Às vezes me parece que se gosta  
De cultivar o pejo tão sem jeito.

Por certo, o gajo logo em mim se encosta,  
Na ânsia que lhe dê todo o respeito,  
Mas pensa dentro d'alma: — *Eu mais suspeito*  
*De que meu coração aqui se enrosca.*

É que não participo da premissa  
De que o valor se encontra na intenção:  
P'ra mim, o não pensar gera a preguiça

Que invade a mente mole desse irmão  
E digo, francamente, que se enguiça  
Quem quer tudo beijado, ali, na mão.

75

### A trave e o cisco

Não venho arrelhar a tua praia  
Nem quero pôr tumulto na poesia:  
O que desejo mesmo é ver-te em fria,  
Ao intentares dar-me a tua vaia.

Como é que o gajo aqui se sairia,  
Sabendo que o pensar logo desmaia,  
Pois a íris do etéreo, quando raia,  
Tem muitas outras cores que o teu dia?

Mas, ao falar da luz, que eu não pretenda  
Discriminar no verso o meu amigo,  
Fazendo com que a raiva logo acenda

O dissabor que traz sutil perigo:  
É que é difícil retirar a venda  
Que trago desde a Terra cá comigo.

76

## Mexendo com o intelecto

Atrevo-me a ditar uns versos mais,  
No dia em que a galinha criou dentes:  
Alguns estão muitíssimo descrentes,  
Que os temas que descrevo não são tais.

A perfeição do texto não intentes,  
Ó tu, alma imortal, que chora em ais:  
Sonega a informação e segue em paz,  
P'ra que os leitores fiquem mais contentes!

— *Mas como, irás dizer, se o compromisso  
Existe de prestar um bom serviço,  
Na métrica impoluta do soneto?*

Então, ponho na rima a minha ausência,  
Para mostrar ao povo que a clemência  
Também se dá na trova que prometo.

77

## Castigando o estilo

Não freio a língua que me põe em crise  
E dou aos sentimentos fluidez;  
Assim verá o leitor como se fez  
Para que o verso nunca paralise.

O tópico das rimas outra vez  
Requer que o meu melhor se realize:  
Não há como fugir desta reprise  
Que cansa o bom leitor, se for freguês.

Se o pensamento exaure a convivência,  
Na sutileza aguda destas trovas,  
Transforma, coração, tua paciência

Em métricas poéticas mais novas  
E dá a quem te ler total consciência  
De como são tremendas tuas sovas!

78

## Lição de pachorra

— *De novo, não!* — reclama o caro amigo  
Que atende ao compromisso de servir,  
Sabendo muito bem o que há de vir,  
Nos versos tardos, mancos, sem perigo.

Agora, eu já não posso, Wladimir,  
Deixar de demonstrar como castigo  
O estilo, quase sempre muito antigo  
Mas desejoso e pronto a progredir.

Nos dois tercetos, primo numa prece  
E apelo para os mestres, sem vergonha  
De retirar do escuro, em que enegrece,

Para mostrar ao povo, a carantonha:  
Jesus me ajude agora que não cesse  
A fé de terminar sem vil peçonha!

79

## Sem atropelo

Disponho de algum tempo p'ra poesia  
E levo muito a sério o compromisso:  
Talvez possa compor melhor que isso  
Que pensa o bom amigo, em fantasia.

Mas tudo quanto faço é meu serviço,  
Ofício e obrigação em harmonia,  
Já que, por ter talento, não daria  
P'ra dispensar, em nome do castiço.

Assim, a velha forma em que componho  
Me põe bem à vontade junto ao médium:  
Fazer uma obra-prima eu já não sonho,

Como também não quero nenhum tédio.  
Então, peço ao meu povo que, risonho,  
Co'amor reze uma prece: o bom remédio.

80

Eu sofro, tu sofres...

A rapidez do verso me permite  
Seguir adiante um pouco mais na prova,  
Realizando o tema numa trova  
Que tem o desvendar como limite.

Talvez a rima não se julgue nova,  
Nem minha ideia no total transmite,  
Mas que fazer se o texto que se omite  
Vem declarar que estou em funda cova?

Por isso é que te peço, bom amigo,  
Que faças já por mim grande favor,  
Fugindo de criar maior perigo,

Dizendo que me lê com tal pavor,  
Que a tua vibração é o meu castigo,  
Quando de ti desejo paz e amor.

81

## Sublime decisão

Não queres perder tempo cá comigo?  
Devolve à prateleira o livro já:  
O pó que cobre os outros não está  
Querendo ser banido desse abrigo.

E se tiveres uma ideia má,  
Querendo ver no cesto o humor antigo,  
Escuta, então, primeiro, o que te digo:  
Para enterrar bem fundo, eis minha pá!

Se te agradar, porém, o texto louco  
E te deixar propenso a ler bem mais,  
Suspende esta leitura por um pouco

E reza uma oração pedindo paz:  
Nenhum bom protetor, enquanto espouco,  
Há de dizer que tu te perderás.



82

## Resignado tema

Não vou participar muito à vontade,  
Sabendo quanto é feio o verso meu.  
Mas, pelos bons conselhos que me deu,  
O mestre quer que teça algo que agrade.

Então, vou repetir que o bom Judeu  
Ensina, exemplifica, persuade,  
Mas nunca por escrito, pois não há-de  
Permitir que lhe zombe algum ateu.

Por isso, quanto escrevo me arrependo,  
Porque deixei na Terra a minha argúcia,  
Em trovas de labor mais que estupendo.

Agora, eu já me perco em vil minúcia  
Da rima que me traz mau dividendo,  
Distante de causar maior fidúcia.

83

### Algum lucro

Quisera deixar claro que me alegro  
Com o que faço aqui, meio à surdina.  
O povo que me lê nem imagina  
Os males que, nas rimas, desintegro.

Então, mais me contento, se termina  
O texto co'as palavras com que regro  
O tema que se funde, quando enegro  
Os versos pela dor que se examina.

É que também a forma me consola,  
Embora o resultado venha tardo  
P'ra quem não trabalhou e mais se amola,

Porquanto, ao ver a trova, inda mais ardo  
De retirar coelhos da cartola,  
Amenizando assim meu grosso fardo.

84

## Poética promessa

Ao retirar-me, sinta, companheiro,  
O quanto benefício me prestou:  
Não é que tenha dado um belo *show*,  
Mas tudo quanto faço é o que requeiro.

O tempo muito rápido escoou  
E fiz um verso lépido e ligeiro.  
Bem sei que aqui não fui, no amor, primeiro,  
Mas quero acreditar que bem estou.

A trova toca fundo e me assegura  
Que posso progredir em meu trabalho,  
Embora a rima esteja tosca, impura,

Tornando o meu leitor, tolo espantalho;  
Minh'alma, todavia, crente, jura,  
Que o verso não será só quebra-galho.

85

## Em confiança

Navego pelas águas mais profundas  
Dos meus conceitos tolos e cediços,  
Portanto, ao enfrentar meus compromissos,  
É justo que me acertes nas carcundas.

Espero vir prestar alguns serviços,  
Ainda que não queiras nem refundas  
Os versos, no temor de fortes tundas,  
Que os termos eu expresso com feitiços.

Mas, se tiveres tu melhor conduta  
E me julgares mesmo um pouco sério,  
Atiça o teu espírito que a luta

Começa, assim que chega ao cemitério  
O gajo que resiste, à força bruta,  
A doce inspiração de um refrigerio.

86

### Estribilho salvador

Duvido que te traga, um dia, paz  
O verso que se mostra tão aflito,  
O qual me soa agora como um grito  
Mui pouco próprio, sério, bom, audaz.

Eu fico a circular e nunca agito  
A estética figura com que irás  
Me atribuir a posse de eficaz  
Recurso ascensional de um nobre rito.

Mas, mesmo assim, prossigo nesta trova,  
Sabendo que o ideal sempre renova  
A fé com que componho os versos meus.

É quando tudo está pegando fogo  
Que eu lanço pelo espaço este meu rogo,  
Pedindo proteção e luz a Deus.

87

## Voltado para o outro

Conheço muito bem os meus limites,  
Espero que me entendas, caro amigo,  
E sigas na poesia assim, comigo,  
Para que aqui no etéreo tu me imites.

Mas não no inteiro esforço, pois consigo  
Apenas ser sofrível nos sorites,  
Passando estes meus versos por convites,  
Pois corre quem compõe grande perigo.

Assinalar a crise é ponto falho,  
Se for para tornar o amigo triste.  
Assim, quando a alegria mais espalho,

Bem vejo que o leitor não me resiste;  
Portanto, esteja atento, que embaralho,  
Quem ri e quem me põe o dedo em riste.

88

### Muito trabalho para nada

Eternamente é pouco p'ra quem sofre  
Pensando que jamais irá salvar-se.  
É que a noção celeste da catarse  
Parece presa em forte e triste cofre.

Quem vem para a poesia sem disfarce  
E tenta que o seu verso desenxofre  
As mágoas que armazena, sem que gofre  
As nítidas nervuras, não vai dar-se.

E quando é misterioso o seu dizer,  
Na busca alucinada pela rima,  
Resulta que não cumpre o bom dever

E não demonstra aos outros sua estima:  
O máximo que alcança é ter poder  
De sugerir na trova que sublima.

89

## A solução sem soluços

Não quero pôr em dúvida a esperança,  
Nem vou deixar a trova sem resposta.  
Eu sei que existe sempre alguém que gosta  
De examinar um verso em que se cansa.

Mas como melhorar quem mais se encosta  
Nos lídimos prazeres desta dança  
De pensamentos vãos de Sancho Pança,  
A reclamar do mal que o Mestre arrosta?

Assim é que prefiro me esbaldar  
Nas rimas mais felizes destes cantos  
Em que todo o serviço é devagar

E ficam mais distantes os meus prantos:  
Estive orando ao Pai aos pés do altar,  
Enquanto ganha a rima seus encantos.



90

## Desconsidere os defeitos

Iluminado estou e já não sinto  
O sofrimento atroz da escuridão,  
No entanto, este meu verso, dir-me-ão,  
Leva a pensar o povo que lhe minto.

Então, ponho na rima o coração  
E digo as minhas frases por instinto,  
Para provar que tenho mui sucinto  
O tema desta luz, que trago em vão.

Padeço p'ra compor um verso leve,  
Que a trova que complica me entenece.  
Mas tudo vem provar como se deve

Colher o fruto doce desta messe.  
E, se não for agora, é para breve  
O resultado azul da minha prece.

91

## Sem arrelhar

Não posso interromper o meu ditado,  
Depois que comecei a solfejar:  
Embora tudo diga devagar,  
Não quero ver-me posto ali de lado.

Eu sei que não é meu este lugar,  
Porquanto é muito pobre o tal recado  
Que trago já bastante preocupado  
Co'a negritude densa em todo o ar.

Mas, como o verso pronto me estimula  
A dar de mim bem mais, a cada rima,  
Aumento o meu poder, porquanto azula

O toldo que protege quem me estima,  
Crescendo as prescrições da minha bula,  
Mas longe de se dar em obra-prima.

92

## Objetivo especificado

Responsabilidade não se aprende  
Senão com muita luta pela vida;  
No etéreo, quando o mestre nos convida,  
No coração, o tema logo acende.

A obrigação estando já cumprida,  
A gente vê que a lide muito rende  
E, embora em traquinagens de duende,  
A trova encontra a forma e convalida.

Assim, se de permeio o verso glosa  
O labutar tremendo de quem deve,  
A rima há de se pôr mais *glamourosa*

E o texto dá notícia sempre leve,  
Para fazer quem leia mais a prosa  
Um bom leitor da rima, dentro em breve.

93

## Prevenindo acidentes

Não sei se trago à luz o ensinamento  
De que mais necessita o meu leitor.  
Esforço-me, contudo, ao vir compor,  
Para evitar que falhe este momento.

Bem sei que devo a todos dar amor,  
Porquanto o meu sentir assim aumento,  
O que me faz à fonte vir sedento,  
No bom desejo de mostrar valor.

Mas já critico a rima e me pergunto  
Se devo vir tão cedo aqui ditar,  
Por repetir na trova o mesmo assunto

Que faz a quem me leia divagar,  
Pensando se se ocupa o meu bestunto  
Das preces ao Senhor, aos pés do altar.

94

## Cheio de dedos

Não peço que o meu médium fique mais,  
Porquanto sofre a dor desta demora.  
Não chega a lastimar, pois sabe agora  
Que o bem se faz assim, o bom rapaz.

Mas desconfia muito que aqui chora  
Quem vê que, nos seus versos, se desfaz  
A simples esperança de ter paz,  
Depois que tanto empenho aqui deplora.

É claro que não posso reclamar,  
Para não ser injusto nem maldoso.  
Se estou como um macaco no bazar,

A mim me cabe a culpa, pois a trova,  
Que deveria dar-lhe apenas gozo,  
Irá tornar-se a dúvida mais nova.

95

## Salada espírita

Jesus já não separa mais, mas une,  
No espírito imortal além da Terra.  
O homem continua sempre em guerra,  
Pensando, cá no etéreo, estar impune.

Ser sábio e ser injusto é quem mais erra,  
Pois conhecer a dor não deixa imune  
De resgatar os crimes, já que zune  
No ouvido o grito atroz, que nunca emperra.

Então é trabalhar em prol do irmão,  
Deixando falar alto o coração,  
No cumprimento sério da doutrina.

Se conhecer se deve em profundidade,  
Também o sacrifício junto à mesa  
Compensa a insuficiência que azucrina.

96

## Ouçã quem tem ouvidos

Costumo progredir na minha rima,  
Oferecendo tópicos de luz,  
Mas por citar Kardec e assim Jesus,  
Pois tudo quanto faço bem se arrima.

Enquanto este poema se reduz  
A versos tão pequenos, mais me anima  
O resultado alegre que me amima,  
Nas ânsias de quem porta a sua cruz.

Um bom conselho tenho ao meu amigo,  
Para evitar o que ocorreu comigo,  
Que disparei, covarde, pelo etéreo:

É pôr no coração a prece amena  
Que induz a mente trágica e serena  
A culpa que escapou do cemitério.

97

## Não há como fugir

Não quero esmorecer o meu leitor,  
Mostrando-me perverso nesta trova,  
Mas, como a rima nunca se renova,  
Há de julgar ser fácil vir compor.

E mexe-se um cadáver lá na cova,  
Mais outro, outro enfim, pois cada autor  
Encontra algum motivo superior,  
P'ra criticar a rima que corcova.

Aí, fico pensando ser melhor  
Reproduzir os sons mesmo de cor  
Que li nos textos bons enquanto vivo,

Porém, o mestre amigo impõe a forma,  
Para fazer valer do etéreo a norma  
De orar para pedir um corretivo.



98

## Na antevéspera do Natal

Valei-me, Senhor, e me dai harmonia,  
Que cante este nauta as estrofes do amor,  
Que tenha piedade e respeito ao leitor,  
Que aceite a justiça da dor que se adia.

O gozo do verso me faz criador;  
Em todo o meu ser, deposito alegria,  
Mas tudo o que trago jamais poderia,  
Sem vossa atenção, vivenciar e compor.

Natal que festejo nas graças do bem:  
Os sinos repicam no meu coração  
E posso abraçar este irmão que aqui vem

Juntar-se comigo nas bênçãos do pão  
Que o Mestre Jesus ofertou a quem tem  
A paz, entre os homens que se elevarão.

99

## Por não temer a morte

Em vão clamei o nome do Senhor  
E fiz promessas mil de perfeição.  
Bem sei que muitos mais também dirão  
O quanto o desespero os fez compor.

É que nós não soubemos como é vão  
O sofrimento isento de pudor  
E desprezamos, por não ver valor,  
A lei que nos envolve o coração.

Assim, este poema já não prima  
Em pôr à mostra o amor que tem Jesus,  
Porque me preocupa mais a rima

E menos o levar adiante a cruz.  
Mas sempre, no final, se reanima  
O grupo que, no verso, vê a luz.

100

## Contrastante visão

Vitrine das vitórias desta vida,  
Os versos se transformam em poesia,  
Mas quando o amor enfeita a melodia  
E o bem à paz de Deus também convida.

Bem sei que já não tenho essa harmonia  
Nem primo, na beleza comovida,  
De emoldurar de luz minha sortida  
Aos campos cá do etéreo, neste dia.

No entanto, tenho pronto o pensamento  
E faço desta métrica o retrato  
De alguém que se perturba, quando aumento

A fantasia e troco o espalhafato  
Por um entrecho básico mais lento,  
Impróprio para o tema que destaco.

101

## Para confundir

Não quero perturbar o meu amigo,  
Deixando em meio o verso que hoje faço.  
Por isso é que aproveito o seu cansaço,  
Para ditar-lhe rápido este artigo.

Capricho aqui, porém, no meu compasso,  
Que a luta é permanente em seu castigo,  
Que os homens que me escutam já fustigo,  
Levando ao seu saber a dor que passo.

Então, vão perguntar como é que irão  
Deixar de aqui sofrer, em rude verso,  
À vista de quem rima à perfeição

Para tornar o etéreo mui perverso,  
E não com mais amor ao pobre irmão  
Que está na escuridão bem mais imerso.

102

### Solene requisição

Querias desarmar tua barraca  
E ir embora logo para os teus,  
Mas não gostei de não dizer-te adeus,  
Por isto esta poesia, embora fraca.

Espero pelas bênçãos já de Deus,  
Porque meu coração na fé destaca  
Que tens por nós amor que o bem emplaca  
Ao dar-nos a feição de cireneus.

Prejulgo que terás algum trabalho  
E ponho a funcionar a melhor rima,  
Porém, um pouco ainda eu me atrapalho,

Pedindo-te que dês a tua estima  
Em forma de oração, pois agasalho,  
No fundo de minh'alma, a dor que intima.

103

### Preciso melhorar

Sustento que o meu verso não critica  
O bom leitor que vem para saber  
Quais são seus compromissos de dever  
E julga, desde logo, a rima rica.

Mas, se ficar na forma, a resolver  
Se o mesmo cá faria pela dica  
Dos temas que componho, aos quais se aplica  
Um pouco do que sabe ter poder,

Então, vai concluir que é mui maneira  
A vida de quem sofre e já se expressa  
Trazendo o seu exemplo nesta esteira.

Depois, é só seguir, sem muita pressa,  
Que o coração não manda que requeira  
Que o seu leitor lhe faça a tal promessa.

104

Eu bem que avisei...

— Preciso completar mais um soneto? —,  
Pergunto ao mestre quando deste aviso  
De que mais um pouquinho de improviso  
Não vai tornar o tom perverso ou preto.

Contudo, ao caro médium, mais juízo  
Lhe peço, quase sempre no quarteto:  
De pau há de ser sempre o rude espeto,  
Na casa do ferreiro; e o tom repiso.

Sinceramente, estou, neste alvoroço,  
Lutando p'ra que a rima não destoe,  
Lembrando que não tenho além dum osso,

Lamúria que não ouço, caso soe  
A prece, num final mui curto e grosso,  
Inda que o caro médium me abençoe.

105

## Feliz ano novo!

Estampo nestas linhas meu sofrer  
E digo a quem me lê que tenha fé.  
Talvez inda eu não saiba como é,  
Mas tudo se resume em ter poder.

Estive em permanente *cré com cré*,  
Na escuridão dos males, pode crer;  
Agora me disponho a tal dever,  
Trazendo o coração sem rapapé.

As coisas são perfeitas para os bons  
Que põem nas atitudes o evangelho.  
Os que repetem sempre os mesmos sons

Mais devem dar de si, na confiança  
De transformar em novo o tema velho,  
Sem medo de voltar a ser criança.



106

## Não podia ser diferente

Não posso desandar em versos feios,  
Na derradeira trova desta gente.  
Bem sei que hão de dizer que, finalmente,  
Virão outros poetas sem rodeios.

Mas devo agradecer e ir em frente,  
Que as lágrimas promovem titubeios  
E a turma se preocupa com os meios  
De pôr junto ao leitor algo que alente.

Também não vou ferir o bom princípio  
De sustentar que a rima é de respeito,  
Embora esteja assim cheio de rípio

O livro que se fez e foi aceito,  
Por descrever o nosso município  
De construções rupestres sem defeito.

107

## Não podia mesmo ser diferente

Não posso sugerir que o meu amigo  
Dedique muito tempo aos versos meus.  
Se vim dizer-lhe aqui meu triste adeus,  
Agora retifico e a mais me obrigo.

Esperito, eu rogo a bênção já de Deus,  
No aguardo do perdão ou do castigo,  
Porquanto esta poesia ao modo antigo  
Se presta a quem mais sofre e aos corifeus.

Se existe livre-arbítrio para mim,  
Não há de ser no verso em que claudico,  
Que a prece que inventei, por ser ruim,

Não digo, porque o mal não justifico.  
Eu peço apenas que me digam sim,  
Se lhes rogar que rezem por um tico.

108

## O que deveria estar no princípio

Castiga o teu estilo e faze o bem  
Em versos de perene criação,  
Mas não pretendas pôr o coração,  
Se não te entregas todo a mais alguém.

O amor nesta poesia é condição  
Do permanente enredo que retém  
A mente de quem lê, sem tal vaivém,  
Na dúvida que traz o mau refrão.

No fim, aplica o verbo em doce prece,  
Tornando a melodia prazerosa,  
Que o bom, em sendo bela, não se esquece

Da forma que contém o dom da prosa  
E a mais pura função de dar à messe  
A luz do pensamento que se glosa.

109

## Lamento sem dor

Não tenho condições de melhorar  
O nível das poesias que componho:  
São tolas as imagens com que sonho  
Prover este soneto singular.

Aí, o meu irmão fica tristonho,  
Ao ver que o meu desprezo não tem par  
E se reflete bem neste bazar  
De rimas, com que tremo e me envergonho.

Mas vou levando os versos mesmo assim,  
Sem desespero ou dor pelo fracasso,  
Porque nem sempre é tudo tão ruim;

Nem por jogá-los fora me desgraço:  
Se alguém orar feliz, pensando em mim,  
Seguro o sentimento ali, no laço.

110

## Com a mente aberta para o bem

Não devo desculpar-me pela rima,  
Pois devo prometer fazer melhor:  
A culpa dos meus crimes sei de cor,  
Mas um verso bem feito mais me anima.

Assim é que procede, em tom maior,  
Ficando para trás quem se lastima,  
Aquele que deseja ver na estima  
A mão de Deus, em cada pormenor.

Bendigo este momento de poesia  
E peço aos bons amigos compreensão:  
Por certo bem melhor aqui faria

Qualquer que se atrevesse no refrão,  
Mas, como estou em fase de euforia,  
Espero que os defeitos perdoarão.

111

## Vamos lá, companheiro!

Nostálgica harmonia em minha trova  
Se põe, pelo desejo de acertar.  
Então, quando me aceitam no seu lar,  
O amor das boas almas se comprova.

Há muitos que renegam meu cantar,  
Dizendo mal saído cá da cova.  
Há outros que o mistério, causa nova,  
Desperta para o bem complementar.

Assim, vamos levando a nossa sina,  
Pois a mediunidade serve aos bons,  
No amparo dos mortais para a doutrina,

Que muitas vezes tem os nobres sons  
E as luzes, que o poeta dissemina,  
Em versos agridoces, quais bombons.

112

## Reação perceptível

*“Estúpido, imbecil, que mau poeta  
Pretende vir pregar como Jesus?  
Espero que carregue a negra cruz  
P’ra longe dos mortais que ele alfineta.*

*Se ao menos nos trouxesse alguma luz,  
Noção duma doutrina mais completa,  
Quem sabe a algum leitor que se encasqueta  
O sofrimento alheio ou seu traduz?”*

Assim pensava alguém desprevenido,  
Quando pegou na estante o meu soneto:  
*“Quem sabe esteja certo, mas duvido.”*

E leu de cambulhada a trova esperta,  
Sentindo que o rubor se tornou preto:  
O sentimento mau se trai, desperta.

113

### Descontente? Por quê?

Preciso vir compor com mais modéstia,  
Que os termos eruditos muito assustam:  
Se ler e interpretar bastante custam,  
O que se irá dizer de sua réstia?!

As rimas que elegi na forma incrustam  
Os elementos todos da moléstia  
Que acuso mais acima, zé-da-véstia  
Em que me transformei e os tons não sustam.

Agora ponho um fim e me retiro,  
Descrente de ter dado o meu recado.  
O mestre vai pedir-me dar um giro

P'ra saber o que escreve do meu lado  
O companheiro triste, em seu suspiro,  
Pois não consegue a rima, desolado.



114

## Reminiscências úteis

As trouxas que carrego desde a Terra  
São pesos da consciência maculada;  
No dia em que sentir não levar nada,  
O tópico da morte o etéreo encerra.

Mas vou levando a trouxa amarfanhada,  
Que a força que a sustenta não me emperra  
Para travar, no coração, a guerra,  
Que a evolução jamais cá retrograda.

Assim é que versejo e mostro a trova,  
Para que o bom leitor já se previna,  
Porque, durante a vida e além da cova,

Hão de valer-lhe os pontos da doutrina:  
Aí, o coração no bem se prova;  
Aqui, toda a verdade se ilumina.

115

**Bendita confissão!**

Não tenho permissão para poesia  
Que traga sofrimento em vez de amor.  
Se a dor cá descrever em meu compor,  
Não hei de repartir minha alegria.

No entanto, rogo a Deus bem mais valor,  
Porque melhor qualquer aqui faria,  
Bastando que se esqueça, neste dia,  
De dar à trova o tom de seu palor.

Também, não devo refletir que minto  
Para alegrar apenas quem me lê,  
Mas devo confiar no bom instinto

De quem não vê mas assim mesmo crê:  
Agarre minha mão no labirinto,  
Que escreverei um verso p'ra você.

116

## Sem censura

Conduzo o pensamento para Deus  
E o sentimento fica em alvoroço:  
É como se enfadasse o belo moço  
E desse à namorada um triste adeus.

Saí muito molhado desse poço  
Em que caí, ao desfazer nos meus:  
O mesmo é imaginar como os ateus  
Fariam sua prece sem endosso.

Mas vou levando a rima a um certo fim,  
Porquanto co'as palavras tenho jeito;  
O sentimento, sim, é que é ruim,

Que o pensamento chega a ser aceito.  
Então, peço que rezem mais por mim,  
Por ter sido escolhido e não eleito.

117

*Lenir cantando*

Pretendo, ao vir trazer a minha trova,  
Que o povo se desperte para o amor,  
Mas, como sei mui fraco o meu compor,  
O medo de ferir-me se renova.

Atrevo-me, porém, mesmo inferior  
O verso que o meu mestre não reprova:  
Se não castigo a rima, dou-lhe a sova  
Que a deixa envergonhada, sem valor.

Contudo, alguém dispõe que tenho jeito  
E diz que se emociona com meu verso.  
Tolinho, me convenço e logo aceito,

Sem ver quanto este tema sai perverso:  
O texto se mantém depois de feito;  
O coração na dor se põe imerso.

118

## De volta ao ofício

Sofrer, sofri; mais sofro quando penso  
Que o texto que hoje trago não tem brio,  
Que causa no leitor só calafrio,  
Que é muito o suspeitar que alguém convenço.

Exige-se que aceite o desafio  
Quem desejou no verso ver-se imenso.  
Agora que percebo o contrassenso,  
Não posso abandonar o passadoio.

Aí, componho a trova, mesmo assim,  
Mas sem mentir ao povo que me lê,  
Porque seria, então, muito ruim

Acrescentar um mal em comitê,  
Que tanto esforço, tenho para mim,  
Qualquer esquecerá; menos você.

119

### Explicação necessária

A luz que me ilumina vem do amor  
Que me dedica o mestre e companheiro,  
A quem sempre perdão é o que requeiro,  
Ao vir estes poemas recompor.

Ocorre que o sentir chega primeiro,  
Para depois surgir este labor:  
O tema há de ser sempre superior  
Aos versos que se formam por inteiro.

Explico a minha ideia mui sutil:  
É que a expressão do texto vira fóssil,  
Enquanto os rebuliços vão a mil,

No coração de quem se põe à messe.  
O sentimento chega a ser indócil;  
O bem se faz perene pela prece.

120

### Esforço-me, contudo...

Estimo que os amigos que me leem  
Estejam preparados p'ra leitura,  
Que o texto, quando rima, mais depura  
O espírito de quantos não nos veem.

Mas quando a trova vem muito insegura  
E alcança uns olhos dúbios que não creem,  
Aí, devo pedir-lhes p'ra que deem  
Um pouco de esperança a quem cesura.

Assim é que fabrico os versos meus,  
Pensando em que me lê e mais se agrada,  
Pedindo a proteção do amor de Deus,

Que traga mais sentido à minha estada.  
Ao lhes agradecer e dar adeus,  
Não quero ouvir dizerem-me: — *Por nada!*

121

## Espremendo as rimas

Espero, com paciência, este momento,  
Mas, ao chegar aqui, fico nervoso:  
Eu sei que é mais feliz quem sente o gozo  
De transmitir o texto em bom assento.

Então, rascunho a trova em antegozo,  
Despreocupado até co' o sentimento  
Que deverei prever, pois não aguento  
Imaginar-me afoito ou vitorioso.

Não vou deixar ao léu qualquer palavra,  
Na busca que se faz ao dicionário:  
Do que deixar escrito é minha a lavra.

Inda que o tema seja extraordinário,  
Não quero suspeitar que se azinhavra  
O derradeiro termo solidário.



122

## Quase um agradecimento

Um certo humor se deve de imprimir  
Quando o roteiro inteiro periclita,  
Mas toda rima aqui se faz bendita.  
Se estimular alguém no devenir.

O gajo que aqui glosa mais medita  
Nos termos que prejudga reunir.  
Aí, vem se encontrar com Wladimir  
E põe em pratos limpos sua escrita.

Mas nunca está contente o caro médium,  
Que quer fazer o máximo por nós:  
Se a rima está doente, tem remédio

A oferecer a quem lhe pede a voz.  
O que mostra de bom, em nosso assédio,  
É registrar os sons sem nada após.

123

## Pegando gosto

Exige-me este médium que lhe escreva  
Mais um soneto amigo e promissor.  
Então, porque se põe ao meu dispor,  
Pede o instrutor que a um verso mais me atreva.

Assim é que trabalho com amor  
E agarro firme do espigão na esteva,  
A revolver o tema, sem que deva  
Deixar transparecer o meu labor.

Após os dois quartetos, sinto a paz  
De quem já superou os seus limites.  
Registro nos tercetos que jamais

Poderei permitir-me outras sorites,  
Além de borrifar, entre os meus ais,  
Que aumenta este prazer meus apetites.

124

## Toda ajuda é bem-vinda

Um dia, tudo vai ficar mais claro  
Na mente do que agora inda duvida.  
Seria mui *legal* fosse na vida,  
P'ra dar aos feitos maus um bom reparo.

Mas doutro lado existirá guarida  
E explicação completa e forte amparo  
A quem não soletrar, o que é bem raro,  
As letras do evangelho, a toda a brida.

Então se vai lembrar deste poema,  
Que alerta e que dispõe como sistema  
As normas de conduta e diretrizes;

E todos vão saber como se deu  
O efeito desta rima do amor meu,  
Pois quero que se evitem duras crises.

125

## Sem olhar para o relógio

*“Preciso concentrar-me no trabalho”,  
Há de pensar o médium quando cansa,  
Pois sempre há de existir certa esperança  
De receber do além um *quebra-galho*.*

Mas, se o quarteto emperra e não avança,  
E se transforma a trova em espantalho,  
É justo que medite: *“Agora eu falho,  
Mas dou de mim bem mais, se o bem se alcança.”*

Eternamente é pouco para o amor  
Que Jesus Cristo pede a todos nós.  
Então, quando ajudamos a compor,

Não deve o sacrifício ser atroz:  
Vamos pedir a bênção ao Senhor,  
Que os versos dão mais força à nossa voz.

126

## Poesia e mistério

Existe uma palavra tão bonita  
Para mostrar que estou muito feliz,  
Mas como vou dizê-la, se não fiz  
O texto em que a tal rima se habilita?

Fornece-me o mentor a diretriz,  
Dizendo que a leitura fica aflita,  
Se prometo e não cumpro, pois se agita  
O coração que aguarda, *vis-à-vis*.

Por isso, mais me atrevo e vou em frente,  
Ousado ao desvendar o meu segredo,  
Mas peço ao bom leitor que, simplesmente,

Esqueça de enristar-me com seu dedo,  
Que o termo que me agrada e me desmente,  
Eu disse aí no meio, muito a medo.

127

## Navegar é realmente preciso

Se o tema do soneto logo acima  
Ficou meio encoberto e sem sentido,  
Procure, bom amigo, mas duvido  
Que encontre o tal conceito numa rima.

É que a expressão do amor não dá ouvido  
A uma só razão, que o bem se estima  
Não ser um compromisso, pois sublima  
O todo, e não a parte com que lido.

Por isso, está escondida a tal lição  
Que pôs meu coração a bater forte.  
Talvez seja porque não disse não

Ao mestre, que me fez mais claro o norte.  
Aí, os meus leitores saberão  
A quem mostrar o visto e o passaporte.

128

## Cheio de medo

Não vou inaugurar uma poesia  
Que traga novos rumos literários;  
No entanto, os meus recursos, sendo vários,  
De alguma forma inova esta agonia.

Espero revelar os meus calvários,  
Expondo as dores que jamais diria  
Na escuridão da noite em que jazia,  
Dos versos a fazer confessionários.

E peço-lhe, leitor, que me compreenda,  
No desespero mudo em que se encontra:  
Ao vir gritar de dor, retiro a venda

E vejo o mundo todo sendo contra  
O meu projeto métrico, que agenda  
A peripécia fútil dum bilontra.

129

### A pressa explica a imperfeição

Esqueça, caro amigo, que hoje vim  
P'ra formular hipótese poética:  
Bem sei que a turma toda, sendo cética,  
Espera que esta trova chegue ao fim.

Mas não contendo a fúria catalética,  
Terminação impávida e ruim,  
Que fala mal do povo e mais de mim,  
Rascunho muito feio, sem estética.

A dor duma poesia se compreende,  
Expondo este mortal desprendimento,  
Pois deverá passar como duende

Quem desejar tão só fazer figura,  
Que é como o verso pobre não aguento:  
Faça um soneto só, que o mal não dura.



130

### Impropriedade conjuntural

Mantenho a minha rima em alto nível  
E dou de mim bem mais a cada trova,  
No entanto, estando perto assim da cova,  
O fato se comprova como incrível.

Não devo estimular a forma nova,  
Ao vir tão ligeirinho, ultra-sensível,  
Expor o que p'ra muitos é sofrível,  
Dizendo que hoje leva rude sova.

A cada qual segundo o seu valor:  
Assim se determina em justa lei.  
Por isso me disponho a vir compor

Nos termos mais perfeitos para a grei,  
Que sofre hoje comigo o dissabor  
De ver quanto, nos termos, desandei.

131

## Desafio improdutivo

Se pego no batente e me distraio,  
Realizando a trova bem *maneira*,  
Não é porque meu mestre assim requeira;  
Mas é porque tais versos muito ensaio.

Espalho pelo mundo a sementeira  
Das dores improváveis num desmaio,  
Porquanto a lógica dos textos vaio,  
Se os benefícios chegam de primeira.

Então, complico as rimas e atrapalho  
O bom leitor amigo que se enrola  
Nos termos desconexos do espantalho.

E quem jamais irá passar-me a bola,  
Porque não lhe dou pronto o quebra-galho,  
Que passe alguns instantes nesta escola.

132

## Sem sal mas com pimenta

Conheço os meus limites nestes temas  
Que devo oferecer à luz do povo,  
Porém, a planta é nova e sem renovo  
Que possa elucidar os tais problemas.

Muita galinha eu tenho, e pouco ovo  
A dar para a omelete dos sistemas,  
Pois são as deficiências tão extremas  
Que o couro não me serve de retovo.

Mas vou levando a trova mesmo assim,  
Na ajuda que recebo de quem sabe  
Que o verso se repete e é tão ruim

Que, mal-e-mal, na rima ainda cabe,  
Na forma que diz tanto sobre mim,  
Posto do conteúdo não me gabe.

133

## Superando a dor

A média das estrofes que fabrico  
Não passa de uma dez, a cada dia.  
Se fosse dedicar-me mais, faria  
Bem menos do que tenho e não publico.

É que são tantas trovas, todavia,  
Que leio dos irmãos, um bem tão rico,  
Que penso não poder deixá-lo um tico,  
P'ra burilar nos versos a harmonia.

Mas a poesia aqui é diferente  
Das que transmito ao povo que me lê:  
São versos de intenções que a gente sente;

São rimas do trabalho que se vê  
No dom que gera amor, eternamente,  
Assim como eu faria por você.

134

## Sem injunções misteriosas

Costumo agradecer a cada rima  
Que passo ao meu irmão aí na Terra,  
Mas, no meu coração, tudo se encerra,  
Ao receber de volta a sua estima.

Então, grave conflito a alma aferra,  
No dúbio versejar, que não me anima,  
Que as dores que o poeta mais sublima  
São as que causam sempre triste guerra.

O que acontece em mim bem transparece  
Nos hábitos que julgo esmaecidos:  
É como vir colher de farta messe

E achar os bens de amor não devolvidos.  
Aí, resta pedir excelsa prece,  
Para ganhar a trova os seus sentidos.

135

### Brincadeiras à parte...

Preciso resguardar certa postura,  
Ao respeitar meu médium e parceiro.  
Por isso, fique atento, eu lhe requeiro,  
Enquanto dito a estrofe com lisura.

Porém, se não encontro por inteiro  
O verso imaginado na estrutura,  
Eu peço compreensão, porque me atura  
Aquele que se vê leitor primeiro.

Assim, se lhe permito divagar,  
Enquanto arranjo os versos na telinha,  
Não posso vir ditar mui devagar,

Senão minha poesia não caminha:  
Eu tenho permissão p'ra versejar,  
Dês que lhe prove a trova sendo minha.

136

**Agora é tarde...**

Eu trago um só soneto p'ra ditar,  
Em rimas muito fáceis e gostosas,  
Pensando em nosso amigo, tu que glosas  
O sentimento lúdico exemplar.

Bem sei que, quando é pobre, já não gozas  
A métrica que imprimo ao versejar.  
Então se torna triste este lugar  
E as trovas que componho perigosas.

Mas hoje esta poesia não faz moosa  
Nem prende o teu pensar nesta doutrina  
Que surge do mistério e que se esboça

Como roteiro certo que ilumina  
O meu caminho sórdido p'ra troça,  
Tornando esta intenção menos ferina.

137

## Versos cadavéricos

Aceita, bom amigo, que me vá  
Deixando para trás um nobre aviso:  
Se queres progredir em teu juízo,  
Procura pelo bem no mundo já.

Mas, como tudo chega no imprevisto  
De quem vem devagar de lá p'ra cá,  
Arruma a cal, a cova e mais a pá  
E joga no defunto, que é preciso.

Por certo, esta poesia não se ajeita  
Entre o esplendor das rimas do meu povo  
E morre de fraqueza ou de maleita,

Pois nunca sabe o morto, mesmo novo,  
Que gosto tem a cal e se aproveita,  
Deixando-se enterrar sem dar corcovo.



138

### Sinceridade, sim, mas não muita

Na esfera em que reúno os meus amigos,  
Encontram-se os desejos da verdade;  
Mas quem ouvir contar se persuade:  
Conhece os seus percalços e perigos.

Por isso, são bem poucos os castigos  
Aos versos em que o dom minh'alma invade  
De resgatar do amor felicidade,  
Conforme os sentimentos mais antigos.

Notícias todos temos dos caprichos  
Que nos deixaram trôpegos no etéreo;  
Mas tudo queda claro nos pastichos

Em que o poeta torna o tema sério,  
Querendo e não querendo os seus rabichos  
Postos em rima rica e sem mistério.

139

## Sazão de rimas

Olvido de um momento quase eterno,  
Que a dor que já não sinto permanece  
Nos termos em que digo a doce prece,  
Por ter saído já daquele inferno.

Penumbra de minh'alma, a triste messe  
Parece germinar no campo interno,  
Semente que esqueci, no duro inverno,  
E que, na primavera, reaparece.

Então, mesclo piedade e desafogo,  
Na trova em que suplico compreensão;  
E os sons que já resultam do meu jogo

Aquecem e dão paz ao coração,  
No aguardo dos bons frutos deste rogo,  
No estudo que farei pelo verão.

140

## Contrassenso aparente

É sério quando o médium participa  
E põe o seu dedinho em cada rima:  
Talvez a trova fique uma obra-prima,  
Mas a consciência dele depois ripa.

Então, é bem melhor que a sua estima  
Produza um coração da sua tripa,  
Enquanto a mente sã o verso equipa  
De termos que a bondade mais sublima.

Não fique a burilar, querido amigo,  
Se o verso traduziu com mente aberta,  
Sabendo que o melhor, tenho comigo,

É quando, ao se enganar, o gajo acerta,  
Porquanto está fugindo do perigo,  
Mantendo a alma presa mas alerta.

141

Que não se perca por esperar

Existe quem desista quando a rima  
Não se apresenta boa desde o início;  
Há outros que mantêm aceso o vício  
De tudo refazer, conforme o clima.

Eu peço humildemente, sem suplício,  
Que a trova esteja isenta dessa lima,  
Porquanto este poeta mais se anima  
Ao ver o seu desejo em exercício.

É fácil desandar e pôr adendo  
Onde parece frouxa a trova, e pronto!  
Mas, se pedir o médium, logo atendo

E marco dia e hora para o encontro,  
Pois tudo que acrescenta, num remendo,  
Eu chego e, mudo, extraio o vil tolontro.

142

## Reconhecidamente fraco

Não quero que me ouça quem falseia  
A métrica dos versos desta esfera;  
Mas quero que não sofra quem nos leia,  
Pois, ao chegar de volta, vira fera.

Então, quando se perde e se esperneia,  
Dependurado e triste, já se espera  
Que a trova que hoje existe, mesmo feia,  
Um dia há de brilhar, jogando à vera.

Não tanto pelos versos que hoje faço  
Se sente que o poeta sofre horrores,  
Mas pelos sentimentos do pedaço

Em que me julgo preso aos tais amores.  
Receba, então, confrade, aquele abraço  
E pense em se inspirar noutros autores.

143

## O dom da simpatia

Suporto muito mal a tua crítica,  
Ó tu que não aturas minha trova.  
Por ti, eu já voltava para a cova,  
Debaixo de erosão pilotaxítica.

Mas como a rima é rica e se renova,  
É bom que mudes tu a tal política,  
Pois é duro sentir febre hemitrítica,  
Ainda mais intensa como prova.

Eu digo porque sinto cá na pele  
A crítica feroz que um dia fiz,  
Sem compreender que o gajo não excele

Sem sofrimento atroz, caso, infeliz,  
Se ponha a versejar crendo-se imbele,  
Compondo a cada linha o que bem quis.

144

Vai a prima pomba...

Espero que o produto desta tarde  
Agrade tanto o médium e o leitor;  
Que rezem para aqui vir mais compor  
Este poeta que, de si, mui arde.

Se o resultado for inferior,  
Eu peço que não façam muito alarde,  
Porquanto não pretendo ser covarde,  
Pois vou voltar com trova e com amor.

Assim, estando pronto o primo verso,  
Ainda que esta rima se repita,  
Não quero que o amigo fique imerso,

A refletir somente na desdita:  
O bem, quando se faz incontroverso,  
Obriga que se diga: — *Obra bendita!*

145

## Catequese bilaquiana

*“Ora, direis”*, teu senso se perdeu  
Nas dobras desse tempo que se esvai.  
Quem não respeita o Filho nem o Pai  
Nada apresenta certo como seu.

Em qual mistério se ocultou quem vai  
Tornar mais crítico este texto meu?  
Se não revelo aqui quem se excedeu,  
Fica do avesso a colcha do meu ai.

Representar que estou bem de saúde  
Talvez não ponha agrado em meu irmão.  
Então, vou demonstrar não ter virtude

Apenas p’ra afagar meu coração,  
Guardando para mim se o mal me ilude,  
Deixando que o leitor faça o sermão.



146

## Para ler como se fosse o primeiro

Considero-me, apenas, um poeta  
Que escreve rimas sem estardalhaço,  
Porém, em quase tudo quanto faço,  
A prosa se desperta e o verso veta.

Às vezes, no conjunto do compasso,  
Existe uma figura que completa  
A ideia original, afim, correta,  
E os sons não se dispersam pelo espaço.

Rimar, mesmo no etéreo, é forma artística:  
Requer um bom estudo da estrutura;  
Possui virtude, dom, característica.

Assim, quando a poesia se faz pura,  
Contendo no evangelho a beletrística,  
Eu posso imaginar que alguém me atura.

147

## Encantando o médium

Contenho-me nas lindes do programa  
E passo ao médium meu mais segurança:  
Sabendo que o soneto sempre avança,  
Descansa a sua mente e não se inflama.

Não quer deixar morrer doce esperança  
De se encontrar, talvez, com quem declama,  
Porquanto o seu labor nos gera a fama,  
Se alguém por nós orar feito criança.

Depois, resta cumprir o conteúdo,  
Pois tudo na poesia é compromisso.  
Por isso, o meu refrão jamais eu mudo,

Que o verso não se dá como um serviço  
Encomendado a metro, espaço, estudo,  
Conforme bem se vê quando enfeitiço.

148

## Com ilusões

Preciso refrescar-me um pouco mais  
Para sentir o gozo destes versos:  
Não quero aqui fazê-los mui perversos;  
Não tenho o coração imerso em paz.

Percorro os mundos todos e universos  
E ponho as dores nestes pobres ais,  
Mas tudo o que consigo não me traz  
A tal felicidade dos conversos.

Então, vou alegrar-me simplesmente  
Por concluir a trova mui chinfrim,  
Pois isto é que é se dar um bom presente,

Dizendo-me, nos íntimos de mim,  
Que Deus é pai de amor, onisciente,  
E deve de amparar-me, mesmo assim.

149

## Atrevimento permitido

Jesus, meu grande amigo e companheiro  
Nesta jornada grata aos pés de Deus,  
Não ouça, se eu disser, algum adeus,  
Na estrada em que meu dia vem primeiro.

Estou para pedir-lhe pelos meus  
A quem a sua bênção mais requeiro;  
Depois, em tom modesto, já me abeiro  
De lhe rogar amor aos fariseus.

Bem temo que o meu tema se desfaça  
Na lógica dos doutos na doutrina,  
Mas vou levar a termo esta ameaça

De desprezar os termos que me ensina  
O mestre aqui da escola, pois a graça  
Vem do perdão, no amor desta rotina.

150

### Sempre falta alguma coisa

Estranha o nosso amigo que estejamos  
Dispostos a ofertar-lhe o nosso verso,  
Embora em tantos dramas venha imerso  
Que os frutos pendem verdes destes ramos.

Mas tudo tem motivo no Universo,  
De forma que o seu tempo não roubamos:  
Apenas atendemos aos reclamos  
De quem quer trabalhar sem ser perverso.

Devemos dar as graças por compor  
A turma uma poesia tão astuta,  
De modo a acreditar-se superior

Quem lê e não compreende a nossa luta:  
Se tudo aqui fazemos por amor,  
A trova é o pomo que hoje se desfruta.

151

## Às vezes falta muita coisa

Duvido que se encontre um outro médium,  
Na esfera da cidade em que hoje estou,  
Que possa receber-me neste *show*  
De trovas e de textos com tal tédio...

É claro que permito um simples *ou*,  
Alternativa certa para o assédio,  
Pois outro não seria o meu remédio,  
Se diferente fosse do que sou.

Assim, burlo a aflição de vir ditar  
Um tema que imagino no bestunto  
E fico num contexto auxiliar,

P'ra denotar que existe um bom assunto,  
Mui digno de assistir neste seu lar,  
Depois que se enterrar este defunto...

152

### Por que insistir?

Pareço desejoso de mais versos?  
Então, apanhe aí uns de improviso:  
Bem sei que desta trova não preciso,  
Pois venho cá fazê-los tão perversos.

Pretendo demonstrar muito mais siso,  
Conquanto ponha pontos controversos,  
A ponto de apontar que vão imersos  
Em brumas da consciência em prejuízo.

Por isso, deveria protelar  
A vinda desta turma arruaceira,  
Que traz inquietação para o seu lar,

Sabendo que tal feito, inda que queira,  
Bem longe está de ser tão exemplar,  
Mas perto de causar muita canseira.

153

## Com o tempo contadinho

No dia em que falhar, não deve o médium  
Ficar aborrecido ou mesmo triste:  
Ninguém do nosso lado, dedo em riste,  
Virá para acusá-lo, em louco assédio.

Devemos compreender que tudo existe  
P'ra receber os dons do bom remédio.  
É claro que dizemos não ao tédio,  
Às vezes, a incluir na trova um chiste.

O amigo nos pergunta, muito ansioso,  
Se tudo o que dissemos é verdade.  
Então, como seria o nosso gozo

Se o texto refletisse só vaidade?  
Precisa que haja amor neste antegozo  
Do bem que o coração agora invade.



154

## O morto-carregando-o-vivo

Não posso vir pedir que sejas puro,  
Nem posso vir rogar que sejas bom,  
Se não posso provar que tenho o dom  
De pôr nos versos quanto estou seguro.

De tanto repetir o mesmo som,  
Eu mesmo me convenço que o futuro  
Há de me reservar um dia escuro  
Em que trazer a trova é de bom-tom.

Assim é que o destino vence o medo,  
Na lembrança viva do que foi  
Apenas, no passado, um bom segredo,

Porque, no festival da dor que sinto,  
A luta é por manter, bumba-meu-boi,  
No renascer, também o amor extinto.

155

### Convite à reflexão

Inspiro o teu desejo de melhora,  
Amigo que me lê com atenção,  
Ou simplesmente ouço que diz não,  
Que o fato do crescer hoje demora?

Espero que compreenda o coração  
De quem vem versejar longe da aurora,  
Na escuridão do mal que oprime agora  
A mente na inconsciência da razão.

Nem tudo está perdido para a trova,  
Se incita o bom amigo a suspeitar  
Que tudo quanto expresso é pura prova,

Falência e desconforto no seu lar;  
Porém, cada esperança se renova,  
Se a rima que hoje faço não tem par.

156

### Rimar também ajuda

Não nego o meu desejo de cumprir  
As regras da poesia cá do etéreo,  
Porém, devo dizer que o ministério  
Se esconde lá nas dobras do porvir.

Recentemente, vim do cemitério,  
Descrente do processo do servir,  
Pois tudo quanto fiz p'ra evoluir  
Se contrapôs, na Terra, a um mal mais sério.

Agora, tento estar bem prevenido,  
Agindo em consonância co'a virtude,  
Compondo apenas versos com sentido

Que não possa valer a quem os mude:  
Assim, tenho consciência e não duvido  
Que o bem que agora faço se amiúde.

157

## A poesia é privilégio dos bons?

Cantar, cantei, e já me sinto rouco,  
Que os cantos desencantam, se repito  
O pensamento triste, tolo, aflito,  
De quem vem duvidar do bem, um pouco.

O verso da poesia mais bonito  
Afasta o pensamento muito louco  
De quem se diz ouvinte e não amouco,  
Pois quem deve de ouvir é quem mais cito.

E quem é que se dá a cada verso,  
Na história permanente da poesia?  
Aquele que verseja e vem imerso

Nas brumas deste tema que se adia,  
Porquanto, se a suspeita é de perverso,  
Não cabe nesta métrica e harmonia.

158

### Preferes dar ou ensinar?

Pretendo que o soneto seja leve,  
Porque não tenho muito que dizer,  
Mas, como conquistar teu bem-querer,  
Se tudo o que componho já prescreve?

Então, vou informar-te do poder  
Que tem toda poesia quando, breve,  
Comporta um pensamento que se deve  
Deixar para o leitor desenvolver.

O belo, quando bom, é justo deixe  
Algum trabalho alegre em teu bestunto:  
Assim, a rima que te espera é *peixe*

E vem, sutil, p'ra completar o assunto.  
Talvez possas pensar que é só desleixe,  
Mas digo-te que o bem vai durar muito.

159

## Lembrando Raul Pompeia

Polêmico, o estudante de Direito  
Queria libertar da escravatura  
As almas desse povo que enclausura  
A fé no turbilhão do mal aceito.

Mas como há de tornar melhor, mais pura,  
A turba que trabalha e sofre o eito  
Da rejeição do branco, pois defeito  
É como a cor da pele configura?

Então, volveu a raiva contra o rei,  
Que descreveu tirano, em obra sua,  
E deu ao povo ler, conforme a lei

De que, ferindo, o riso desvirtua.  
Porém, depois que fez, chamou a grei,  
E pôs, sem caridade, em vil cafua.

160

### Onde ficou a inspiração?

Não vejo como possa vir ao posto  
Sem demonstrar preparo p'ra poesia.  
Mas, quando chego aqui, sei que devia  
Ter estudado mais; e vem desgosto...

Requeiro, então, ao povo que auxilia  
Me dê sustento, amparo, luz, encosto,  
Pois devo vir cumprir, sorriso ao rosto,  
O tema meu sem *não* nem *todavia*.

O mais é só discurso e verso chocho,  
Sem graça, fútil, vão, sem sentimento,  
Conforme o som que espera não ser coxo,

Mas vem empertigado, se apresento  
A minha fé na rima com muxoxo,  
Para mostrar no verso o meu talento.

161

## Halo de felicidade

É pena que não tenha o mesmo dom  
De tantos que trouxeram suas rimas:  
Eu sei que, bom leitor, tu desanimas  
De sempre repetir-se o pobre som.

Queria demonstrar quantas estimas  
Se encontram nestes versos de bom-tom,  
Mas. como oferecer-te o meu bombom,  
Se fazes teus regimes e sublimas?!

Preciso enveredar por outros temas,  
Mostrando que Jesus nos deu lições  
De como contornar estes problemas;

Depois, devo ocupar a mente tua,  
Enquanto juntos vão os corações,  
Dizendo, com amor, que a trova atua.



162

## Poesia e fé

Não quero negociar tua presença,  
Fazendo algo que queiras ver escrito.  
O mundo é muito vasto, é infinito:  
Importa muito pouco que aqui vença.

Porém, se tu gostares, fico aflito  
Ao ver quão pequenina diferença  
Existe em cá trazer a benquerença  
E assinalar o ponto como um rito.

Então, vou caprichar no meu versinho,  
Mostrando que o refrão vem da pureza  
De dar a cada ser bem mais carinho,

Na hora de sentir, cá junto à mesa,  
Que estou trilhando certo o meu caminho,  
Rogando ao bom Jesus por mais beleza.

163

## É preciso ter calma

Convido o meu amigo a que me diga  
Se tem algo melhor para fazer.  
Receba aquele abraço e bem-querer  
E vá para o trabalho a que se obriga.

No entanto, esta expressão não tem poder  
De me afastar de vez da rude briga  
Em que pelejo tanto, se periga  
A trova que componho p'ra valer.

Jesus, o bem-amado, nos promete  
Que o bem se espargirá por todos nós,  
Porém, não diz jogando-nos confete,

Porquanto quer que ouçamos sua voz  
O tempo todo em que, sem paz, se vete  
O verso quando feito tão atroz.

164

## Desafio

Preciso de mais tempo p'ra pensar  
No texto desta trova que inicio.  
Tivesse mais valor, progresso e brio,  
Viria aqui compor algo exemplar.

Mas, como melhorar, se me avalio  
De forma a todo bem depreciar?  
Então, venho pedir que, neste lar,  
As coisas não se deixem por um fio.

Jesus é quem eu vejo muito acima,  
Estrela luminosa deste verso,  
Composto p'ra rogar a tua estima,

Sem outro pensamento controverso,  
Pois tudo quanto cabe em minha rima  
Se encontra no infinito do universo.

165

## As asas da razão

Não sei se o meu amigo me perdoa  
O fato de não vir com soluções.  
Se tudo se resume em tais senões,  
Eu acho que a poesia inda está boa.

O sentimento pede às emoções  
Que levem asas à razão que voa.  
Qualquer promessa aqui é coisa à-toa:  
Não pode pôr em guerra os corações.

Do modo pelo qual eu me apresento,  
Suspeitará o leitor que tudo enxergo,  
Mas devo de exprimir o pensamento

De que o meu verso traz o bem que albergo  
No fundo de minh'alma, embora lento  
Lhe chegue o meu refrão, que não postergo.

166

## O poeta é um sofredor

Sensato, o nosso amigo nos espera  
Co' o coração tranquilo, a mente em paz,  
Sabendo que a poesia que hoje faz  
Há de ferir os temas doutra era.

Mas como este poeta é incapaz  
De aqui trazer um texto muito *fera*,  
Lhe pede p'ra aguardar que, doutra esfera,  
Alguém possa surgir no metro um ás.

Não quer arredar pé de junto à mesa  
E vai dispendo os versos que lhe dito,  
Sabendo muito atroz esta certeza

De que tudo que faço é simples grito,  
Resumo sem poesia e sem beleza  
Da dor que já se estende ao infinito.

167

## Confundo o tal sentido

Renego a dor que sinto e a nostalgia,  
Ao perpassar o tempo para o verso:  
Se tudo quanto faço é tão perverso,  
No etéreo, então, é mau compor poesia.

O meu momento traz em si disperso  
O bem do amor que aqui jamais faria,  
Se persistisse a quebra da harmonia  
Que põe meu Deus nas fímbrias do universo.

Jesus, me ajude, pois estou com medo  
De não cantar a vida e sim a morte,  
Que a morte me chegou bastante cedo!

Não quero desprezar a minha sorte,  
Como também não vou guardar segredo:  
É para o meu perdão da prece o aporte.

168

## O que não parece bem

Sublime efervescência na poesia  
Desperta do seu sono o bom leitor  
Que pede ao seu amigo p'ra compor  
Co' o sentimento nobre da alegria.

Tristeza é quanto existe sem valor,  
Que o mal de aborrecer não se faria,  
Se tudo nos brotasse em harmonia,  
Juntando paz e luz e bem e amor.

Mas não ser falso aqui reduz a rima  
A simples contenção do mal maior,  
Que o gajo que verseja não sublima,

Sabendo, embora, os sons também de cor,  
Para dispor na trova o quanto estima  
Orar ao Pai a prece, em *outdoor*.

169

## O caminho, a verdade e a vida

Contém o verso meu um quê de triste:  
Poesia que não traz muita esperança  
De que no sentimento já se alcança  
Livrar-se da maldade, que resiste.

Porém, se a fé me invade, a trova avança,  
Expondo ao meu leitor que o dedo em riste  
Se guarda desde logo, quando existe  
O bem, que a dor da rima torna mansa.

Soldado deste amor que contamina,  
Versejo, mesmo assim, sem grande força,  
Porquanto ao tema falta vitamina,

Embora o meu amigo, com mais luz,  
Alegremente, reze e muito torça  
P'ra no refrão lembrar-me de Jesus.



170

## Interrogando o etéreo

O tempo que desgasto com poesia  
Terá melhor proveito noutras formas?  
Seguir dos metros as melhores normas  
Não é o que Jesus aqui faria?

Perversas as perguntas que conformas,  
Ó tu que tens o brilho e a fantasia,  
Que emprestas os serviços da harmonia  
Ao tema que promove as tais reformas.

Precisa que haja lucro sem beleza,  
Em torno de sutis e bons pendores,  
No trato de quem traz para esta mesa

O pensamento chão de vis horrores?  
Por certo, nada chega sem surpresa,  
Que é falso o poetar falto de amores.

171

## Sofrível e sofrido

Preciso conformar-me em dar o troco  
Às dores que senti estando vivo;  
Por isso é que a poesia tanto crivo  
Das tétricas figuras do barroco.

Desconto uma por uma, em tom altivo,  
Alegremente pondo no reboco  
O espírito do bem, embora choco,  
Que a luz que desperdiço é mal que ativo.

Seguramente, um dia irei tornar  
À Terra, que desfaço e menosprezo,  
E ali também terei um novo lar,

Não no sentido augusto que hoje peso:  
Para ir aprendendo devagar  
Que a prece que aqui faço ainda não rezo.

172

## Desencontro e desencanto

Não gosto quando pensam que estou morto,  
Porque tenho de mim a mesma ideia  
Dos tempos de mortal, nesta odisseia,  
Que, por ser livre agora, traz conforto.

Não posso respirar pela traqueia,  
Nem tenho como ouvir que o som vem torto,  
Mas sei como chegar ao mesmo porto,  
Abelha desgarrada da colmeia.

Preciso espairecer e já conflito  
Com os desejos flácidos de glória.  
Por isso, faço ouvir meu fraco grito,

Descrente de escrever uma outra história,  
Que a perfeição se encontra no infinito  
E hoje é que eu aspiro à tal vitória.

173

### Garimpando a dor

Não tenho como ouvir o meu amigo  
Que fica na penumbra da matéria.  
Eu sei que o seu pedido é coisa séria:  
Para atender, porém, é que é o perigo.

Se escondo algum fulgor, é da miséria,  
Que insiste em reluzir junto comigo.  
Também, a tal da rima mais fustigo,  
No esforço de trazê-la pura, etérea.

Assim, este pasticho de quem erra,  
Ó Alma envaidecida das palavras,  
Refoge das virtudes lá da Terra

E põe junto a esta mesa alguém sem lavras  
Daquelas da verdade que se encerra  
Nos textos que tu mesmo descalavras.

174

## Sempre o Mestre

Insisto junto ao médium que me aguarde,  
Que os metros sou eu mesmo que lhe passo.  
Não é que prejudique o meu compasso,  
Mas nunca irá dizer que sou covarde.

Não queira recusar meu pobre abraço,  
Nem pense que cheguei aqui mui tarde:  
Bem sei que existe um fogo que não arde,  
Embora espalhe amor com seu mormaço.

A crítica do verso fica em branco,  
No prisma das virtudes que não tenho.  
Aí, do coração o mal arranco

E exponho nestas linhas, como o lenho  
Em que Jesus se pôs com dor no flanco,  
Da cruz, que carregou com tanto empenho.

175

### Uma mão lava — e a outra?

Não faço caridade com a rima,  
Nem dou de mim aos pobres que me leem:  
Espero que haja pão para os que creem,  
Pois tenho pela gente grande estima.

E quando os olhos deles logo veem  
Que tenho um coração que já se anima,  
Por pouco que lhes faça, se sublima  
A dor que n'alma ainda se contém.

Por isso, eu peço ao povo que perdoe  
A trova que componho e não lhe agrade,  
Embora pelos ares já ressoe

O verso que presume esta saudade  
De quando eu rogo ao Pai que me abençoe  
E a quem me tem amor, mesmo que enfade.

176

## Preponderância da razão

Redijo de manhã e à tarde venho  
Trazer o resultado da poesia.  
Não sei se alguém aqui também daria  
Ao mestre que me atende o mesmo empenho.

Porém, quando o poema em harmonia  
Reduz o meu temor, eu franzo o cenho,  
E ponho todo o esforço e não desdenho  
O amigo que me lê e acaricia.

Responsabilidade é o que se espera  
De quem solfeja o verso que produz,  
No embalo das virtudes desta esfera

Por natureza e força de mais luz,  
Porquanto o amor se espraia e o bem se esmera,  
Para cumprir o ensino de Jesus.

177

## Alegria sem entusiasmo

Tão logo a rima exponho, fecho a trova  
E dou ao companheiro que me serve  
Toda a impressão que o verso meu me enerve,  
Pois esta aqui seria a minha prova.

Mas continuo a demonstrar que ferve  
O sangue em minhas veias, pois é nova  
Esta expressão de dor que mais me sova,  
Por refluir do amor em triste verve.

No entanto, o pessimismo desprezado  
A lastimar se põe e me aparece  
Na forma com que imprimo, do meu lado,

Esta escansão sem luz, de parca messe;  
Mas, ao final, componho e mui me agrado,  
Por elevar a Deus sublime prece.



178

## Mais que filosófico

Nem tudo está perdido neste mundo,  
Porque o sofrer é próprio dos humanos.  
É certo que haverá muitos enganos,  
Porém, o despertar será profundo.

Então, o teu sorrir, ao fim dos anos,  
Porá nos corações um bem fecundo  
De amor e compaixão, conforme inundo  
Os versos que aqui trago tão profanos.

A sorte que se tem, quando se aprende  
A dar ao Pai maior benemerência,  
É que o sentir da dor muito mais rende

Que toda a compreensão pela ciência  
Das leis e dos profetas, pois se acende  
A luz com que elevamos a consciência.

179

## Com ares de improviso

A fábrica dos versos já fechou  
E o médium tenta aqui fazer mais um,  
Ouvindo, lá no fundo, um zunzum,  
Aplausos que merece o nosso *show*.

Parece já lucrar algo incomum,  
Por isso é que esta trova a mais lhe dou,  
Apenas p'ra saber que sempre estou  
Disposto a lhe quebrar o mau jejum.

Mas tolo é quem nos lê e nos aplaude  
Pensando que isto é bom porque do etéreo.  
Pois saiba que se tem terrível fraude

Nos versos que não vêm com a chancela  
De alguém que leva a rima muito a sério,  
Rogando ao Pai em prece seja bela.

180

## Derradeiros alentos

Convido-te, querido, a me ajudar  
No texto que produzo e te ofereço.  
Talvez não saibas tu meu endereço,  
Porém, vais encontrar-me no teu lar.

Agora que me vejo tão travesso,  
Disposto a vir reinar em teu bazar,  
Preciso referir que é devagar  
Que crescem as virtudes deste apreço.

Estou p'ra concluir minha poesia  
Ao lado deste mestre, que me ampara.  
Se desse, nossa gente aqui viria

Tornar a nossa forma bem mais rara,  
Porém, cabe a Jesus a melodia  
Que tu deves cantar, que o amor se aclara.

181

## Adeus, amigos!

Fazei, meu Pai, que seja muito honesta  
A prece no final desta poesia,  
Pois a felicidade não daria  
Para rogar em rima tão modesta.

Então, dos pobres versos a alegria  
Que seja o bom refrão de quem empresta  
À trova o seu amor, em riso e festa,  
Um misto de verdade e melodia.

Parece ao bom leitor que tudo finda?  
Não há de ser assim aqui no etéreo.  
Embora esta escansão possa ser linda,

O povo está diante do mistério,  
Pois muito vamos caminhar ainda,  
Mas com Jesus em doce refrigério.